



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**A SECA DA DÉCADA DE 1970 EM BONITO DE SANTA FÉ:
OS TRABALHOS EMERGENCIAIS**

MARIA CIRANA LAISE DINIZ

- Cajazeiras, PB -

- 2013 -

MARIA CIRANA LAISE DINIZ

**A SECA DA DÉCADA DE 1970 EM BONITO DE SANTA FÉ:
OS TRABALHOS EMERGENCIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, como requisito para aprovação na
disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC)”.

Orientadora: Viviane Gomes de Ceballos

- Cajazeiras, PB -

- 2013 -

MARIA CIRANA LAISE DINIZ

**A SECA DÉCADA DE 1970 EM BONITO DE SANTA FÉ:
OS TRABALHOS EMERGENCIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, como requisito para aprovação na
disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC)”.

Cajazeiras, 30 de abril de 2013.

Prof^{ta}. Ms. Viviane Gomes de Ceballos– UFCG – Orientadora

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos – UFCG – Examinador

Prof. Ms. Francisco Firmino Sales Neto – UFCG – Examinador

Prof^{ta}. Dr^a. Silvana Vieira de Sousa – UFCG – Suplente

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

D585s Diniz, Maria Cirana Laise
 A seca na década de 1970 em Bonito de Santa
 Fé: os trabalhos emergenciais./Maria Cirana Laise
 Diniz Cajazeiras, 2013.
 102f. : il.

Orientadora: Viviane Gomes de Ceballos.
Monografia (Graduação) – UFCG/CFP

1.Seca – Paraíba -Bonito de Santa Fé. 2.Trabalhos
emergenciais. 3.História Oral. I.Ceballos, Viviane

Gomes de II.Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 551.557.38

Dedico ao grande amor da minha vida Jesus Cristo, a minha família em especial aos meus pais: Maria de Lourdes Diniz e Francisco Rodrigues Diniz que são à base da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao grande amor da minha vida **Deus**, pois sempre estive ao meu lado me ajudando a vencer todos os obstáculos. Senhor obrigado por estar presente na minha vida.

A toda minha família em especial aos meus pais **Maria de Lourdes Diniz e Francisco Rodrigues Diniz**, pelo amor, apoio e dedicação que sempre tiveram por mim.

A minha irmã **Thais Diniz**, pela compreensão e incentivo ao longo dessa caminhada.

Ao meu namorado **Weverton Leite**, pelo apoio, incentivo, gestos de amor e carinho que teve por mim nesse período.

Aos meus amigos da turma 2008.1, por compartilhar momentos de alegrias e tristezas ao longo desses anos de convivência. Em especial a **Gislanea Nunes, Ana Paula, Rosiane Alencar, Rosimeire Pereira, Francisca da Silva, Maria José, Thays Barros, Luciana de Sousa, Mariana Willendorff, Ana Cynthia e Adriana Ferreira**.

A todos que trabalham no **Arquivo Municipal** de Bonito de Santa Fé, pelo material fornecido para realização deste trabalho.

Aos entrevistados: **Severino Pires das Neves, Maria Izaira da Silva, Antenor Furtado de Freitas, Maria Neuza Pereira, Ademar Pereira, Valdecir Tenório de Sousa e Francisco Fernandes de Sousa**. Obrigada pela acolhida em suas residências e disponibilidade para nos conceder as entrevistas.

A minha amiga **Maryanne Timóteo Araruna**, pela amizade e incentivo nessa etapa tão significativa da minha caminhada.

Agradeço a orientação da professora **Ms. Viviane Gomes de Ceballos** que colaborou de forma fundamental nesse trabalho, acreditando sempre nas coisas que eu apresentava-lhe, indicando sugestões que contribuíram de forma significativa. Muito Obrigada pelo conhecimento, pelo apoio, e pela amizade.

Ao professor e amigo **Francisco Firmino Sales Neto**, pelo incentivo e apoio.

A banca examinadora pela disponibilidade de avaliar meu trabalho

A todos que mencionei, agradeço por acreditarem no meu potencial e nas minhas ideias.

*Eu quero é cantar o nordeste
Que é grande e que cresce
E você não conhece doutor
De um povo guerreiro, festivo e ordeiro.
De um povo tão trabalhador
Por isso não pise, viaje e pesquise.
Conheça de perto esse chão
Só pra ver que o nordeste
Agora é quem veste*

É quem veste de orgulho a nação

letras.mus.br/flavio-jose/788355/

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise acerca dos trabalhos emergenciais ocorridos, na seca da década de 1970, na cidade de Bonito de Santa Fé, com o objetivo de despertar novas indagações sobre essa temática, através de estratégias como a História Oral. Investiga-se a atuação das frentes de trabalho, bem como as construções realizadas através das obras de combate à seca na cidade de Bonito de Santa Fé. Os pressupostos teóricos que embasaram esta pesquisa foram às noções de seca, trabalhos emergências e História Oral. Sob esta perspectiva, foram de fundamental importância no decorrer deste trabalho obras como: “Raízes da Indústria da seca na Paraíba” de Ferreira; “Falsas e Astúcia e de Angústias: A seca no imaginário nordestino. De problema a solução” de Albuquerque Júnior; “Morte e Vida das oligarquias na Paraíba (1889-1945)” de Gurjão; “História da Paraíba: Lutas e resistências” de Mello. A coleta de dados foi dada através de análise bibliográfica encontrada no Arquivo Municipal e entrevistas.

Palavras-chave: Bonito de Santa Fé, seca, trabalhos emergenciais, História Oral.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis about the work emergencies occurred in the drought of the 1970s in the city of Bonito de Santa Fé, thus aiming to arouse new questions on the subject, through strategies such as oral history. Investigates the performance of work fronts and the construction works carried out by combat drought in the city of Bonito de Santa Fé. The theoretical assumptions that supported this research were the notions of drought emergencies work and oral history. Under this perspective, were of fundamental importance in this paper works as follows: “Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba” of Ferreira; “Falas de astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino. De problema a “solução” the Albuquerque Junior; Morte e Vida das oligarquias na Paraíba (1889-1945” of Gurjão; “História da Paraíba”: “História da Paraíba: Lutas e resistências of Mello. A data collection was given through literature review found in the Municipal Archive and interviews.

Keywords: Bonito de Santa Fe, drought, emergency work, Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura I: Mapa da cidade de Bonito de Santa Fé, Monte Horebe, São José de Piranhas e Cajazeiras.....</i>	24
<i>Figura II: Maria Izaira da Silva, 65 anos.....</i>	43
<i>Figura III: Valdecir Tenório de Sousa, 60 anos.....</i>	43
<i>Figura IV: Ademar Pereira, 71 anos.....</i>	44
<i>Figura V: Antenor Furtado de Freitas, 76 anos.....</i>	44
<i>Figura VI: Severino Pires das Neves, 90 anos.....</i>	46
<i>Figura VII: Francisco Fernandes de Sousa, 80 anos.....</i>	46
<i>Figura VIII: Maria Neuza Pereira, 77 anos.....</i>	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação das Obras realizadas em Bonito de Santa Fé na década de 1970.....	52
--	----

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – A PARAÍBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	16
És a Suíça Brasileira: Bonito de Santa Fé.....	23
CAPÍTULO II-“INTÉ MESMO ASA BRANCA BATEU ASA DO SERTÃO...A SECA DO NORDESTE.....	28
A Repercussão da seca de 1877-79.....	28
A atuação dos órgãos de combate à secas.....	34
CAPITULO III-A MEMÓRIA (RE) CONSTRÓI A SECA DE 1970 EM BONITO DE SANTA FÉ.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
ANEXOS	
Entrevista com Ademar Pereira	
Entrevista com Antenor Furtado de Freitas	
Entrevista com Francisco Fernandes de Sousa	
Entrevista com Maria Izaira da Silva	
Entrevista com Maria Neuza Pereira	
Entrevista com Severino Pires das Neves	
Entrevista com Valdecir Tenório de Sousa	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma análise crítica acerca da seca na década de 1970 em Bonito de Santa Fé (PB). Nesse sentido tem por objetivo contribuir para o conjunto de estudos historiográficos sobre secas, particularmente no que se refere aos trabalhos emergenciais.

Acredito que estudar seca é relevante, pois é um fenômeno que faz parte do cotidiano dos nordestinos, assim este, acontecimento do século XX, ajuda-nos a compreender de forma mais ampla e crítica às últimas secas do atual século, sobretudo na cidade de Bonito de Santa Fé.

Bonito de Santa Fé (PB) está localizada na região Oeste do Estado da Paraíba, limitando-se ao sul, com Conceição, a Leste, com Serra Grande e São José de Caiana, ao Norte, com Monte Horebe e a Oeste com Mauriti Ceará. É importante ressaltar que a cidade está inserida nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Piranhas, região do Alto Piranhas.¹

Um dos motivos que me levou a abordar esse tema deveu-se ao fato de ter nascido na cidade de Bonito de Santa Fé, e desde criança escutar relatos de pessoas sobre a seca de 1970, como por exemplo, quando não chove algumas pessoas dizem “tomara que não seja como a seca de 1970”, “Tivemos que trabalhar pesado na megênciã”; outro exemplo: quando alguém esta com muita fome dizem: “tá com a fome de 1970”. Estas expressões foram chamando minha atenção e despertando meu interesse em estudar e compreender esta seca, sobretudo os trabalhos emergenciais.

Outro fato que motivou, o desenvolvimento deste trabalho foi a ausência de trabalhos locais acerca do tema. Até este instante nenhum historiador teve a iniciativa de estudar os trabalhos emergenciais na seca de 1970 nesta cidade.

Nesta abordagem optei por trabalhar com História Oral como fonte histórica, pois existe uma grande escassez de fontes escritas sobre o meu recorte temporal. Além disso, o meu interesse veio no decorrer da graduação nas discussões sobre História Oral. Desta forma entrevistei pessoas que viveram na década de 1970 na cidade de Bonito de Santa Fé e conviveram com os trabalhadores das frentes emergenciais (homens e mulheres), ou foram funcionários delas. Outras fontes embasaram essa discussão, tais como os documentos encontrados no Arquivo Municipal, as atas da época e fichas de pagamento de trabalhadores.

É importante ressaltar que este trabalho se pauta na História Oral temática, pois antes de realizar a entrevista foi feito um planejamento com o intuito de alcançar o objetivo de propor novas indagações a respeito dos trabalhos emergenciais. Para Portelli (1981 p.16) a História Oral é arte individual, na qual “as versões do passado, ou seja, a

¹ <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/BONI033.pdf>>acesso em 15 de agosto de 2012

memória, mesmo moldada de diferentes formas pelo meio social, em última análise o ato e arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. Dessa forma as lembranças mesmo sendo modificadas pelas experiências devem ser consideradas. Para ele, a História Oral não busca padrões explicativos, mas diante de várias e distintas versões, seria interessante mostrá-las como partes de um todo, em alguns momentos conciliares e em outros não.

Na concepção de Freitas (2002, p.19) a História Oral pode ser dividida em três gêneros: tradição oral, história de vida e história temática. Concordando com Jan Vansina, especialista em tradição oral africana, que afirma que:

“uma sociedade oral reconhece e fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também, como meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocuições-chaves, isto é, tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra”.

Nesse sentido a tradição oral está presente tanto nas comunidades letradas como em sociedades rurais e urbanas, através de cantigas de rodas, brincadeiras, histórias infantis que são transmitidas de geração para geração.

Em relação a História Oral de vida, Freitas coloca que ela não é sinônima de vida, pois a história de vida pode ser considerada um relato autobiográfico, no qual a reconstrução do passado é feita pelo próprio indivíduo sem necessariamente precisar do auxílio de um pesquisador. Desta forma, busca uma fala mais livre, permitindo ao colaborador falar tudo aquilo que lhe parecer pertinente. Nesse caso o número de perguntas feitas é muito reduzido e elas têm a função de dar um estímulo à fala, não de direcioná-la.

No que se refere à História Oral temática, a entrevista tem caráter temático, no qual perguntas são planejadas para que a informação pretendida pela linha de estudo seja atingida, assim, a narrativa passa a ser dirigida, mesmo que de forma pouco rígida.

Nesse sentido o número de entrevistas pode aumentar, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite comparações entre eles, apontando divergências e convergências de uma memória coletiva.

A definição de história oral é muito complexa como advoga Meihy (2005, p.20-21), pois essa prática além de renovada pelo uso de aparelhos eletrônicos e com fundamentação moderna é dinâmica e criativa. Desta forma ele vai mostrando alguns conceitos que possibilitem a definição de História Oral tais como:

Conceito 01: Prática de apreensão de narrativas através de meios eletrônicos e destinados a colher testemunhos;

Conceito 02: A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral;

Conceito 03: Conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas a ser entrevistadas;

Conceito 04: Alternativa para estudar a sociedade através de documentos feitos com o uso de depoimentos;

Conceito 05: Processo sistemático de uso de depoimentos gravados, os quais são vertidos do oral para o escrito.

Desta forma, dividi o trabalho em três capítulos. No capítulo I, -“A Paraíba na Primeira República,” abordei a Paraíba na primeira República (1889-1930) apresentando a atuação do sistema oligárquico, no qual o poder estava centrado nas mãos de poucas pessoas podendo pertencer ao mesmo partido, classe social ou família. Nesse sentido fiz uma discussão a respeito da origem dessas oligarquias, suas redefinições, sobretudo na primeira República, na qual esse grupo ganha novos personagens e novas formas de dominação.

Nessa concepção acredita-se que a discussão historiográfica sobre a Paraíba na primeira República ajuda-nos a compreender a formação da cidade de Bonito de Santa Fé, a qual foi se constituindo nos primeiros anos da República. Sendo assim, encerro o capítulo fazendo uma breve apresentação sobre a mesma, com o intuito de conhecer melhor a cidade a partir da análise dos trabalhos emergenciais durante a seca da década de 1970.

No Capítulo II, “Inté mesmo a asa branca Bateu asa do Sertão... A seca no Nordeste,” Através dos discursos que constituíram esse fenômeno é possível discutir a seca no Nordeste, pois entende-se que é necessário apresentar uma discussão historiográfica que enfoque esse flagelo, a fim de perceber posteriormente a repercussão da década de 1970 na cidade de Bonito de Santa Fé - PB. Nesse sentido, opto por fazer uma breve discussão sobre as primeiras secas que repercutiram no Nordeste, analisando criticamente o contexto político, social e econômico que contribuíram para repercussão e os primeiros estudos científicos, do fenômeno e a atuação dos órgãos de combate à seca.

No capítulo III, “A Memória (re) constrói a seca de 1970 em Bonito de Santa Fé,” De acordo com os depoimentos de pessoas que participaram de forma direta ou indireta dos trabalhos emergenciais. É notório que existem diferentes versões sobre esta problemática. Através das obras realizadas com as políticas contra as secas nota-se que ocorreram mudanças significativas no período de estiagem em 1970 no Município em estudo. Por meio dessa discussão são apresentadas diferentes possibilidades de estudos com a temática da seca, através de fontes orais.

CAPITULO I

A Paraíba na Primeira República

“a origem do sistema oligárquico no Brasil pode ser compreendida através do Brasil- Colônia com a força do núcleo detentor de terras que exerciam vários cargos administrativos.”. (FERREIRA 1993, p.18)

O Brasil colonial foi marcado por diferenças sociais no momento em que o poder político e econômico estava centrado nas mãos dos senhores de engenho que definiam os rumos da sociedade através do seu poderio. Vale salientar que estes grupos políticos foram se adequando às transformações sociais e continuaram atuando de diferentes formas. Assim na primeira república não foi diferente e estes grupos continuaram atuando.

Nessa dinâmica os discursos dos republicanos eram de cunho liberal que queriam implantar o federalismo, ou seja, os municípios, estados e distrito federal tinham autonomia e tinham como base o governo central e federal que governava todos. Esse sistema na prática não funcionou, pois os Estados que eram economicamente mais fortes dominavam os outros como, por exemplo, São Paulo e Minas Gerais que dominaram boa parte da política do nosso país, revezando-se no poder formando o que os estudiosos denominaram de política do café com leite.

Neste sistema os políticos de São Paulo e Minas Gerais, faziam alianças com os demais estados. Desta forma a maioria dos presidentes da República foi eleita através do apoio dos paulistas ligados ao PRP² e dos mineiros ligados ao PRM³.

Na primeira República as regras eleitorais, foram alteradas, porém a mudança não foi muito significativa, uma vez que continuou sendo excludente:

“a base da antiga estrutura eleitoral se alargara, porém os chefes políticos locais e regionais se mantiveram praticamente os mesmos e continuaram elegendo para as Câmaras, para as presidências dos Estados, para o senado, seus parentes, seus aliados seus apaziguados. (QUEIRÓZ, 1977, p.155)

² Partido Republicano Paulista

³ Partido Republicano Mineiro estes partidos se revezavam no poder, enquanto os outros estados ficavam subordinados.

Vemos que o sistema político na primeira República quase não foi alterado, pois muitas pessoas continuaram sem o direito de exercer a cidadania, como as mulheres, os soldados, entre outros.

Quanto aos mandões políticos locais, a situação também não se alterou. Os coronéis tinham grande influência na sociedade e através do empreguismo estes criavam um sistema que “ajudavam” os trabalhadores e ao mesmo tempo exploravam sua força de trabalho. Emprestavam dinheiro, ofereciam ajuda na educação dos filhos e socorro no caso de doença com o intuito de controlar os trabalhadores e criar, portanto uma relação de dependência.

“a responsabilidade das eleições recaía sobre os coronéis que, senhores de terras, se encarregavam de levar às urnas o eleitorado. Esse era tangido, como gado, em verdadeiros currais.” (MELLO, 1995 p.145)

O sistema político funcionava através das trocas de favores, os coronéis exigiam que as pessoas beneficiadas votassem nos candidatos do seu partido, pois se não votassem seriam ameaçados, através dos jagunços ou capangas que perseguiram os inimigos dos coronéis para quem trabalhavam.

Os coronéis, através dos deputados por eles eleitos, trabalhavam junto ao presidente do Estado a quem apoiavam. Em troca a Presidência concedia aos coronéis amplos poderes nos territórios da respectiva jurisdição política. Assim os grandes fazendeiros montavam redes de transmissão de poder, que iam desde o município até o governo federal. Muitos estudiosos chamam essas redes de Oligarquias. Dessa forma, a tendência era manter o poder político de cada estado nas mãos do mesmo grupo político.

As oligarquias que se destacaram na Paraíba eram: Venancista,⁴ Alvarista e Epitacista. Segundo Mello (1995) a oligarquia Venancista, durou pouco tempo porque os acontecimentos federais passaram a repercutir na Paraíba, pois quando o presidente da República Deodoro da Fonseca, renunciou à presidência o seu substituto exonerou todos os governadores dos estados com exceção dos estados do Pará e do Rio Grande do Sul.

⁴ Venancista porque o nome do presidente republicano era Venâncio Neiva.

A segunda oligarquia foi liderada pelo major Álvaro Machado, servia na Bahia quando foi indicado por Floriano Peixoto para a presidência do Estado. No período que governou, organizou a constituição que foi denominada de Constituição Alvarista, em 1882. Nela, foi estabelecida a presença do prefeito municipal, cuja autoridade, antes exercida pela presidência dos conselhos municipais, agora seria indicada pela presidência do Estado.

“a bravura de Irenêo Joffly, nos anos noventa. Heterodoxia jornalística de Eugênio Toscano de Brito Artur Achilles, na passagem do século. Companhia Jornalística de Gama e Melo contra o oligarquismo de Valfredo Leal, em 1907. Ação democrática de Afonso Campos, em Campina Grande. (...) Como o mandonismo da política dos governadores estivesse enraizado, qualquer protesto mais consistente somente poderia surgir de dentro dele. Isso, aliás, é o que, ao final dos anos vinte ocorreria com João Pessoa: indicado pelo epitacismo voltar-se-ia contra este, propiciando a liquidação do oligarquismo da República Velha. (MELLO, 1995 p.150)

As oligarquias tinham grande poderio na Paraíba e se revezavam no poder, porém enfrentavam os anti-oligárquicos, que lutavam pelos princípios republicanos. Nessa lógica a Terceira Oligarquia denominada Epitacista, também tinha o objetivo de acabar com o poderio dos oligarcas.

Na primeira República os Estados de maior poder econômico dominavam os outros Estados, assim o setor econômico atrelava-se ao sistema político. Nesta dimensão vale ressaltar o discurso de Epitácio Pessoa, enquanto, deputado federal em 29.12.1890 em relação ao federalismo:

“Se os Estados, no governo Federal, são os mesmo vis á vis da união, se todos eles têm autonomia e independência tanto quanto possível, se todos eles, como Estados que são têm os mesmos direitos e devem gozar das mesmas prerrogativas, não concebo como se conceda a quatro ou seis estados apenas, o direito de só eles decidirem de assuntos que se referem a todos os outros também, de só eles gerirem interesses de toda a União; Não compreendo como quatro ou seis estados apenas que por mera casualidade, foram ocupar no tempo do império, regiões mais povoadas ou mais vastas, ou que, por favores do governo, hajam sido alimentados por uma corrente migratória mais caudalosa, tenham o direito exclusivo de decidirem naquilo que diz igualmente respeito aos interesses de 15 ou 17 outros Estados” (PESSOA, 1955, apud, FERREIRA, 1993 p.28)

O federalismo pregava autonomia, mas na prática não funcionava, pois os estados economicamente mais desenvolvidos tinham a liberdade para tomar decisões, enquanto isso os demais Estados ficavam sem poder de decisão e cada vez mais

subordinados aqueles. Sendo assim, Epiácio Pessoa acredita que todos os estados independentes de sua situação econômica deveriam exercer seus direitos.

Contrariando alguns pontos do discurso de Epiácio Pessoa, Ferreira coloca:

[...] “que não foi por mera casualidade que alguns estados ficaram a frente do governo brasileiro, mas devido à existência de grupos localizados no Sul do país que estavam mais dinamicamente inseridos no capitalismo, tendo maior força na política Nacional.” (FERREIRA, 1993, p.28)

Realmente faz sentido, pois seria muito vago explicar a dominação dos estados através da casualidade, pois a conjuntura econômica contribui no momento em que buscava atender aos seus interesses, enquanto os estados menos desenvolvidos ficavam em desvantagem.

É importante ressaltar a situação econômica e financeira da Paraíba no final do século XIX, pois seus principais produtos o açúcar e o algodão estavam em crise. Desta forma a seca de 1877-90 encontrou a província sem condições de mitigar os efeitos da mesma e assim a população mais carente sofreu as consequências.

[...] “o Nordeste, com seus produtos em crise, não conseguia nenhuma medida protecionista e passou a utilizar os períodos de estiagem pra reivindicar ajuda financeira da União. Para conseguir apoio Federal o sul colocava o café e o Nordeste as secas.” (FERREIRA, 1993, p.32)

Percebemos assim, que cada região tinha seus argumentos para adquirir recursos federais e a seca era um dos pretextos do Nordeste, pois no momento da estiagem os representantes do governo reforçavam os pedidos para a construção e melhoria de estradas, açudes entre outros. Acreditamos que essas construções tinham o intuito de ampliar o comércio.

No que diz respeito à atuação das oligarquias na primeira República é importante destacar a atuação da oligarquia Epiacista, a qual foi favorecida pelas obras contra as secas, quando seu idealizador, o senador Epiácio Pessoa, exerceu a Presidência da República. As Comissões de Socorro Público, existentes no império foram substituídas pela Inspeção de Obras Contra as secas (IOCS), criadas por Nilo Peçanha em 1911.

Em relação à atuação do governo Epiácio Pessoa, José Américo em “A Paraíba e seus problemas” crítica à política de obras contra as secas de Epiácio Pessoa, pois:

“as obras realizadas eram inúteis porque os chefes políticos locais se aproveitam dos recursos através dos desvios das verbas. Ainda coloca que a Inspeção de Obras contra as secas em 1909 não alterou essa

situação até mesmo porque em 1919 tinha varias obras insignificantes” (ALMEIDA, p.323, apud GURJÃO, 1994, p.30)

Concordando com José Américo sobre a atuação do governo de Epitácio Pessoa, Orris Barbosa faz o seguinte comentário:

”E que a dinheirama, correndo de-mão-em-mão, voltava, velozmente, para os centros da economia organizada, atraída pelo iman da ganância commercial dos atravessadores e fornecedores de mercadorias ás massas utilizadas, nas obras contra as secas, enriquecendo empreiteiros e mandões políticos. E as verbas jorravam continua e desmetidamente. Tempestade de ouro para quem pedia água... (ORRIS BARBOSA, p.12, apud, GURJÃO, 1994, p.31-32)

Para esses autores as obras contra as secas beneficiavam apenas os políticos locais, que se apropriavam dos recursos que eram destinados para realização destas obras. Assim eles colocam que o problema das secas é agravado por causa dos administradores políticos.

De acordo com Gurjão (1994, p.50) as obras contra as secas do governo Epitácio Pessoa forneceram ao trabalhador rural do Nordeste a ilusão do progresso, pois trabalhavam em péssimas condições de alojamento e com insignificantes salários pensando em usufruir dos frutos da redenção da terra. Assim, apresenta trechos de transcrições que mostram a opinião de um trabalhador sobre as obras contra as secas e os privilégios dos oligarcas.

“O que se via muito era que, em miséria tanto a riqueza do coronel aumentava. Mesmo antes do açudão. Até a seca favorecia o homem. Nessa época ele engolia as criações miúdas, os fins de roçado que o gadão aproveita. O povo se ia deixando as casas e as terras de benfeitoria. Muita vez fiquei imaginando que terra também tinha preferência - ao coronel dava tudo, a nos nada dava...”⁵

Por isso os trabalhadores do campo não se beneficiavam com tais obras. Os açudes que eram construídos, por exemplo, só traziam vantagens para os proprietários de terras, que ficavam cada vez mais ricos e poderosos, enquanto a população pobre ficava subordinado a eles.

⁵ Tratam-se de trechos de Virgínius da Gama e Melo, Tempo de Vingança. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 197. O enfoque central desta obra recae sobre os acontecimentos da Paraíba após a morte de João Pessoa, apresentados através de personagens fictícios. A questão social está presente na conversa entre o padre João e o sertanejo Teobaldo, de onde transcrevemos os trechos citados.

De acordo com estas explicações pode-se dizer que a economia Paraibana foi se reorganizando, paralelamente ao movimento de redefinição das suas oligarquias, as quais se aproveitavam das estiagens para se favorecerem no momento em que desviavam as verbas agravando assim a situação dos flagelados da seca.

No aspecto social é importante salientar que a República surgiu no momento em que a massa de capitais estava se deslocando do escravismo para atividades comerciais nas cidades, através do qual o espaço urbano se redefinia, pois a República estava acompanhada de novos símbolos:

“Os ideais republicanos de secularização traziam consigo os coretos, como símbolos da nova ordem”. Oito desses equipamentos seriam instalados na cidade sede do governo estadual. Quase todas as cidades do interior ganhariam o seu. Edificados em jardins públicos, cercados de gradis, os coretos, de origem belga, expressavam não apenas a expansão das comunidades urbanas, cujo crescimento ordenava como a progressiva emancipação da mulher, retirada da camarinha para o footing das ruas. (MELLO, 1995,p.145)

Para Mello a primeira república trouxe consigo muitas mudanças que alteraram o cotidiano das pessoas. Em relação a essas mudanças vale ressaltar as condições dos trabalhadores nas fábricas que eram precárias, pois a vivência dos trabalhadores nas fábricas era mantida através de relações de clientelismo que asseguravam o poderio das oligarquias. Com isso vamos percebendo que os grupos políticos locais vão se adequando as mudanças e continuam atuando.

Sob essa ótica vale salientar algumas reivindicações realizadas pelos trabalhadores de várias categorias, contidas no capítulo referente à assistência social em “Problemas e Necessidades da Paraíba” tais como jornada de trabalho de 8 horas, lei de férias, proteção ao trabalho da mulher e do menor, para trabalho igual, pensões, aposentadoria e assistência médica. Os ferroviários demonstram maior nível de reivindicações que as demais categorias.

Em relação às condições sociais dos trabalhadores do campo Orris Barbosa diz que:

“No drama secular do conquistado” solo nordestino (...) vem se caldeando a paciência férrea de um povo a par de um espírito fatalista, proveniente de atormentação infligida pelo complexo desencadeador de suas contradições sociais: secca, o grande senhor de terras ociosas e o chefe político, agentes das agressividades climáticas, econômicas e sociais da região.

Esses têm sido os três elementos básicos da desgraça nordestina. Dahí a impressionante submissão dessas massas analfabetas, que mesmo no auge da miséria, suportam, quase sem protesto algum, o inferno real da fome e da sede, como se toda aquela, conjunção de fatores adversos fosse proveniente de uma lei natural” (ORRIS BARBOSA, p. 7-8, apud GURJAO, 1994,p.42-43)

Percebemos que o homem do campo atribui todas as suas dificuldades ao aspecto climático, não consideravam os fatores; econômico, social e político que contribuía para esta situação de miséria. Nesse sentido a dominação local se instalou com mais facilidade, pois os sertanejos tinham uma aceitação maior em relação à produção baseada na dominação pessoal, no compadrio, enfim, eram mais maleáveis fortalecendo assim o poderio do fazendeiro.

Nesta lógica os trabalhadores explorados mantinham uma relação de amizade com os fazendeiros, tendo respeito e obediência já que eram compadres. Assim não percebiam que estavam sendo explorados e tinham muito respeito por estes.

Através dessas contradições sociais muitos trabalhadores encontram refúgio na emigração; inicialmente se deslocavam para Amazônia para exploração da borracha, a qual atraiu muitos nordestinos no final do século XIX para início do século XX. Depois o foco passou a ser a região Sudeste, por seu desenvolvimento urbano industrial. Os que permaneciam no Nordeste reagiam através do cangaço e do Messianismo.

“O cangaço independentemente modelava-se á imagem e semelhança da ordem patriarcal consolidando a sua própria clientela e constituindo-se inclusive em forma de acesso a áreas de realização, não apenas econômica, até então inatingíveis para a maioria da gente simples. Enquanto que a distribuição de poder e prestígio na sociedade patriarcal era função da fortuna, idade, sexo e linhagem, o cangaço abria uma via democrática para ascensão social através de atributos individuais e adquiridos, tais como a valentia e a destreza no manejo das armas” (ALBERT DÓRIA, p.35, apud GURJÃO, 1994, p.47)

Analisando o trecho anterior percebemos que o pacto de fidelidade entre o coronel e o trabalhador começa a ser quebrado no momento em que as pessoas se revoltam contra este sistema e formam bandos de cangaceiros e também quando fazem opção pelo messianismo, pois lutam por melhores condições de vida e desobedecem ao sistema político republicano.

És a “suíça brasileira”... Bonito de Santa Fé

(...) a maioria dos habitantes de Santa Fé procurou refúgio numa ampla área Planaltina no sítio “Bonito”, localizado nas fronteiras do Ceará, onde passou a construir suas casas. ” (CAJU, 1991, p.22).

De acordo com Caju, Bonito de Santa Fé (PB), originou-se a partir da emigração dos habitantes da Vila Santa Fé, antigo sítio localizado nas cabeceiras do Rio Piranhas que tornou-se um povoado de conflitos. Assim as pessoas desta localidade passaram a migrar para um sítio próximo e começaram a construir suas casas, fazer suas plantações, formando o que viria a ser posteriormente a cidade de Bonito de Santa Fé.

A Vila de Santa Fé apresentava um desenvolvimento comercial que poderia contribuir para transformá-la em uma grande cidade, porém os conflitos inibiram seu progresso. Para Lima (1977) esses conflitos foram resultados de desavenças familiares, diferentemente de Caju (1991) que acredita a presença de cangaceiros, levaram as pessoas a procurar um novo lugar mais sossegado para morar.

O cangaço fez parte do contexto histórico da cidade, pois no final do século XIX surgiram bandos de cangaceiros, cuja aproximação foi combatida por líderes bonitenses, principalmente os de Antônio Silvino e Lampião. Os líderes lutaram bravamente para impedir a entrada do cangaço em Bonito como nos mostra o Presidente João Suassuna em discurso no Plenário da Assembleia Legislativa, em meados de 1922, quando fez menção ao Coronel Antônio Martins, elogiando a luta deste contra o cangaceirismo na vila de Bonito.⁶

Vale ressaltar ainda sobre a formação de Bonito de Santa Fé, a Guerra do Paraguai (1864-1870), pois os bonitenses e irmãos: Manuel e José de Freitas foram recrutados para a guerra, incorporando-se as tropas brasileiras.

“estes irmãos durante a noite isolados em um casebre Manuel, o irmão mais velho, encontrou uma imagem de Santo Antônio e colocou no bernal. Assim fez uma promessa, se voltasse salvos ele e o irmão construiria uma igreja, a qual o padroeiro seria Santo Antônio. Quando a guerra terminou os dois voltaram salvos para sua terra,

⁶. Este de discurso esta apresentado no “livro os mártires de Piancó” do padre Manuel Otaviano de Moura e Lima, publicado pela editora Acauã, depois reduplicado COM O TITULO” A coluna Prestes na Paraíba “(1979).

passando alguns meses Manuel ficou doente e sem condições de cumprir a sua promessa. Seguindo esta lógica mandou chamar seu parente Francisco Timóteo de Sousa e pediu que este realizasse o seu voto. Sendo assim entregou o Santo e parte dos bens que possuía assim Francisco Timóteo, dedicou-se a construção da capela, contando com ajuda de parentes e amigos.” (LIMA, 1977, p.162-163)

A partir da construção da capela as pessoas passaram a construir prédios dentro do patrimônio doado pelos proprietários mais vizinhos. Quando foi dado o nome de Bonito, por derivação da próxima fazenda ao leste, que ficou denominada de Bonito Velho, visto que era um lugar muito bonito e agradável.

O povoado Bonito pertencia ao Município de São José de Piranhas. A emancipação política do município, então denominado de Bonito pela Lei Estadual constituído de dois distritos: Bonito e Monte Horebe. Pelo Decreto-Lei Estadual nº 520, de 31-12-1943, o município de Bonito, passou a denominar-se Bonito de Santa Fé. A Lei Estadual nº 2608, de 05 -12-1961 desmembrou o distrito de Monte Horebe..⁷

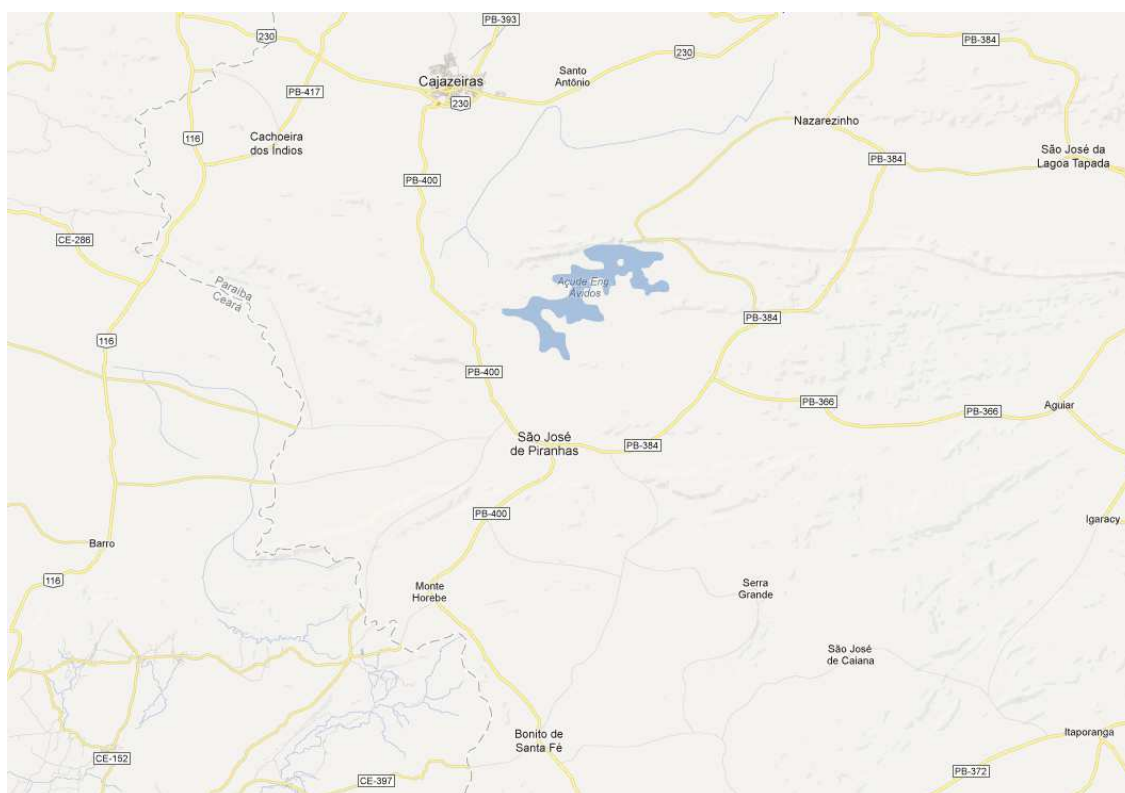


Figura I: Mapa da cidade de Bonito de Santa Fé, Monte Horebe, São José de Piranhas e Cajazeiras.

Nessa dinâmica, Bonito de Santa Fé, foi dependente de São José de Piranhas nesta área desmembrada existiam a vila de Monte Horebe e as povoações de Santa Fé e

⁷ <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=250240>> Acesso em 15 de março de 2012

Viana. Alguns anos depois Monte Horebe se tornou independente colocado Santa Fé sob seu domínio. Diferentemente do Viana que ainda continua dependente de Bonito de Santa Fé.

No que diz respeito à luta por essa emancipação política de Bonito de Santa Fé, a revista *Cântelha* nos apresenta o Dr. Batista Leite como cidadão bonitense que consegue a autonomia política e administrativa da cidade. Ele foi médico, advogado, jornalista. Morou no Rio de Janeiro nos primeiros anos da nova República, primeira metade da década de trinta, onde participou dos movimentos estudantis. Apreciava da cidade maravilhosa como: o cassino da Urca, onde assistia os artistas da época como Carmem Miranda mesmo com suas limitações financeiras.

“Mas em meio, a todo esse entusiasmo, não se esquecia do torrão natal. Já havia traçado seu objetivo: voltar à Paraíba, lutar pela emancipação do município onde nasceu para melhorar a vida dos seus conterrâneos. Muitas vezes, ao se deparar com atrações existentes na capital federal, tais como cinema, teatro, parque de diversões, comentava: Ah! Como será bom levar essas novidades para minha terra!...” (REVISTA CENTELHA, 2006, p.5)

É importante compreender que a República surgiu no momento de transição do escravismo redefinindo o espaço urbano, nas quais as atividades comerciais se deslocaram para as cidades. Sendo assim, ideais republicanos trouxeram novos símbolos, que representando a nova ordem; tais como o cinema, teatro entre outros. Nesse contexto entendemos que Batista Leite, tinha interesse em trazer esses novos símbolos para a cidade de Bonito.

De acordo com a revista *Cântelha* (2006) Batista Leite retorna a sua cidade de origem e com amigadas influentes tais como Dr. Epitácio Pessoa, único paraibano a exercer três poderes, ex-presidente da república, amigo de Deputado Ernani Sátryo, do escritor e político José Américo de Almeida, do pai do ex-governador Mariz, Dr. José Marques Mariz e ainda do próprio Governador e Interventor, que o Dr. Batista Leite conseguiu a assinatura do decreto-lei nº1.164 que emancipava a sua cidade natal. Assim foi nomeado primeiro gestor⁸ da cidade, tomando posse no dia 2 de janeiro de 1939,

⁸No percurso da história foram prefeitos no período de 1939 a 1947, Dr. Manuel Batista Leite, Dr. Joaquim Amorim Zinet, Dr. José de Sousa Moraes, professor Andreino Timóteo de Sousa, tabelião José Ferreira Caju e Assis Pereira da Silva.

Com o advento da segunda República elegeram-se pelo voto popular os seguintes prefeitos constitucionais e seus respectivos vices: Joaquim Amorim Zinet/ Genival Ferreira Caju (1947/1951); José

cinco meses depois, no dia 05 de junho, faleceu de tifoide (febre), a qual atingiu muitos brasileiros na década de trinta.

Percebemos que a revista constrói a figura de Batista Leite como sendo o benfeitor e aquele que entendeu os anseios da população e lutou pela emancipação política de Bonito.

Quanto a sua administração Lauro Lima (1977, p.171) faz menção das obras realizadas por ele em tão pouco tempo de administrador como a construção do edifício da prefeitura, adquiriu um motor com todos os implementos elétricos para iluminação pública. Compreendemos assim que Batista Leite conseguiu a autonomia política e administrativa de Bonito, por contar com o apoio de importantes figuras políticas. Percebemos também que essa independência não aconteceu por acaso.

Ademais, é importante ressaltar que a nomeação do primeiro prefeito gerou insatisfações, pois outras pessoas também tinham interesse na nomeação como, por exemplo, o coronel Antônio Martins de Moraes que desejava que o seu filho, o dentista Dr. José Moraes, fosse nomeado prefeito, pois tinha lutado pela emancipação de Bonito. Através da orientação do advogado Praxedes Pitanga, teria discutido a questão da emancipação na capital do Estado, no Conselho de Geografia e Estatística.

É possível constatar através destas explicações, que o sistema político ganhou novos personagens como, por exemplo, a figura do coronel, porém na prática era excludente favorecendo os mais abastados. Esses coronéis aproveitavam os períodos de estiagem para conseguirem benefícios próprios, pois a política de aliança permitia que o desvio de verbas ocorresse.

As alterações sociais e econômicas da República, como o surgimento de novos símbolos sociais e desenvolvimento urbano apenas redefiniram o poder das oligarquias.

Dias Franca (Duquinha) / João Clementino de Moraes (1951 / 1955); Aduino Luís de Oliveira / João Clementino de Moraes (1955 / 1959); José Ferreira Caju / Lauro Dias de Oliveira (1959 / 1963); Áurea Dias de Almeida / Francisco Furtado Maranhão (1963 / 1968); José Arruda Amorim / João Clementino de Moraes (1968 / 1972); Sabino Dias de Almeida / Sebastião Mariano de Sá (1972 / 1976); Tiburtino de Almeida / Alfredo Barbosa de Lira (1976 / 1982); Antonio Pedro das Neves / João Ancy Dias de Almeida (1982 / 1988); Sabino Dias de Almeida / Fernando Antonio e Oliveira (1988 / 1992). Antonio Pedro das Neves / Francisco Eudes Lucena (Deda Lucena) (1992 / 1996); Sabino Dias de Almeida / Antonio Lucena Filho (1996 / 2000); Sabino Dias de Almeida / Antonio Pedro das Neves (2000 / 2004); Jozimar Alves Rocha / Fátima Lucena (2004 / 2008); A atual Prefeita é Aldery Caju, Mandato (2008 / 2012). O vice-prefeito é James Araruna. (reeleita para 2013/2017) (CLEMENTE, 2006).

Assim mesmo com as crises os governantes buscavam investir em construções como ideia de progresso e de novos tempos. É importante compreendermos que a cidade de Bonito de Santa Fé, foi se formando politicamente nesse contexto.

CAPITULO II

“Inté mesmo a asa branca Bateu asa do Sertão”... A seca no Nordeste

A repercussão da seca de 1877-79

“a literatura trata de apresentar a seca de 1877 como a primeira seca a chamar atenção da opinião pública nacional, só a i ela teria se tornado” problema nacional e começado a preocupar os poderes públicos notadamente o governo imperial “(ALBUQUERQUE, 1988).

Foi a seca de 1877 que despertou o interesse público diferentemente das outras secas, pois os estudiosos apontam a existência de secas que a antecederam. A partir desse fato surgem indagações que buscam responder o porquê da seca de 1877 ser considerada a primeira a chamar atenção dos poderes públicos.

Partindo desse questionamento Albuquerque Júnior (1988) problematiza os motivos que possivelmente contribuíram para que essa seca tivesse tanta repercussão. Assim, discute com autores tais como: Josué Castro, José Américo, Celso Furtado, onde cada um apresenta seus argumentos em relação à repercussão da seca de 1877.

Nessa dimensão Josué de Castro (apud Albuquerque Júnior) atribui “ao desequilíbrio ecológico, provocado pela forma predatória como se deu a exploração da natureza nesta parte do território brasileiro, a origem do fenômeno.”. Ele entende a seca de 1877 como resultado da exploração do homem, onde a natureza foi se desgastando.

Celso Furtado apresenta o índice de mortalidade como responsável pela repercussão da seca de 1877. Albuquerque Júnior discorda em parte de seu argumento:

“O que concluímos é que há uma superestimação do número de mortos, principalmente no momento da ocorrência do fenômeno, que tinha fins políticos. Causar impacto, impressionar a opinião pública nacional divulgando cifras astronômicas de mortalidade. Isso não quer dizer que não consideramos elevada uma mortalidade que pode ter passado de 25% da população. O que queremos é contestar o fato deste ser o fator que notabilizou a seca de 1877, pois outras secas anteriores, pelas referências que encontramos, tiveram também elevados índices de mortalidade e, no entanto não despertaram a atenção dos poderes pública nacional ou mesmo da classe dominante da região.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988).

Nessa perspectiva Albuquerque, acredita que o índice de mortalidade não foi o fator determinante para que a seca de 1877despertasse o interesse dos poderes públicos, pois secas anteriores tiveram um elevado índice de mortalidade e mesmo assim não

tiveram grande repercussão. Desta forma os poderes públicos com a intenção de se beneficiarem utilizaram desse argumento para conseguirem recursos.

No que se refere à duração como fator da repercussão da seca, José Américo (apud, ALBUQUERQUE, 1988) aponta o seguinte “a seca de 1877, como a mais longa do século XIX foi realmente exterminadora por mingua de socorro, mas não deixou de chover em todo sertão.” Nesse sentido o autor atribui essa repercussão, à falta de recursos e investimentos, por parte dos socorros públicos e não à falta de chuvas.

Albuquerque Júnior desconsidera esta afirmação, pois ao analisar outras que antecederam à de 1877 encontrou registros de secas com seis anos de duração enquanto essa foi apenas de três anos. Em relação ao contexto político afirma:

“A seca de 1877-1879 vem, pois encontrar a classe dominante no norte as voltas com uma crise econômica e com redefinições na estrutura de poder a nível nacional e local, desde a perda do espaço político em termos nacionais até a irrupção de manifestação das camadas populares que amedrontam esta classe dominante, em relação ao seu futuro. Gera-se uma atitude de animosidade e rebeldia diante do estado imperial, que, no entanto tem objetivo de chamar a atenção deste para os problemas que esta parcela da classe dominante estava vivendo; é uma verdadeira briga entre pai e filho, em que o filho agride o pai para chamar atenção deste para os problemas que estavam enfrentando e para que cumprisse com sua obrigação de protetor.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988).

Considerando estas afirmações percebe-se que os políticos, a fim de conseguirem vantagens utilizaram o pretexto das secas. Além disso, as disputas pelo poder entre as oligarquias se intensificavam no instante em que estavam perdendo espaço político. Nesse sentido a classe dominante do sul ganha espaço com o desenvolvimento do café e enquanto a economia do norte permaneceu inerte, a economia agrária- exportadora nortista estava decadente, pois os seus principais produtos o açúcar e o algodão enfrentavam uma crise de mercado por causa dos preços declinantes no mercado internacional.

Sob essa perspectiva, o governo imperial nos períodos de estiagem assistia os flagelados da seca através dos Socorros Públicos, que para Roger Cunnif:

“fez nascer “à indústria da seca”, na qual as verbas e os alimentos eram desviados pelos membros das comissões de socorro público, juntamente com os tropeiros e comerciantes; e com a conscientização dos representantes nordestinos para aproveitar e usar as secas para conseguir investimentos. Governamentais na região. (CUNNIF, 1975 pág.72 apud FERREIRA 1993,p. 61).

Ademais Ferreira nos mostra o descaso da administração imperial, pois nesse momento a fome estava assolando a população e os flagelados procuravam na migração uma saída para sua situação:

“Se o governo tivesse aos nossos gritos nos enviado socorros, o mal seria menor, porém como suor do povo ostentava a esse tempo os bailes na corte e os festins em palácio, enquanto que, o povo escravo morre de fome!”(O Jornal A opinião em 24.05.1877, apud Ferreira, 1993, p.61).

Desta forma o jornal coloca que a escassez de chuva não deve ser utilizada como justificativa para a miserabilidade vivenciada por muitos, mas a falta de responsabilidade dos administradores políticos.

A crise econômica contribui para que a seca de 1877 repercutisse, pois como já foi colocada com o declínio dos preços do açúcar e algodão durante a década de setenta somadas com a fragilidade estrutural, modificou o cotidiano dos nordestinos. Assim muitos sertanejos migraram para lugares desconhecidos como mostra Ferreira (1993, p.62-63), na Paraíba o destino era o Brejo e o Litoral, ou outras províncias. Mossoró no Rio Grande do Norte era um pólo de concentração dos flagelados e outro pólo era a Amazônia, onde se engajavam na extração da borracha.

Seguindo esse raciocínio, a seca era um fenômeno que alterava a vida do sertanejo, pois tinha que sair do seu lugar de origem restando apenas saudades das coisas amadas como parentes, amores e festas tradicionais. O trecho da musica de Luiz Gonzaga torna-se oportuno:

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
“Intonce” eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração...⁹

O contexto social, político e econômico estava abalado com a transição do trabalho escravo para livre, a inserção nortista no mercado capitalista, a crise econômica agrária exportadora e a subordinação política da classe dominante do norte no instante em que ocorreu a seca de 1877-90.

Percebemos que as relações tradicionais vão sendo alteradas. A dependência e a exploração vão sendo recrudescidas e melhor elaboradas. Assim o trabalhador fica dependendo cada vez mais do seu patrão:

"Destituídos de meios próprios de subsistência e com uma vida despojada de significado para aqueles de quem dependiam, tudo deviam e nada de essencial podiam oferecer aos senhores das fazendas onde se

⁹ <<http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>> acesso em 20 de junho de 2012

fixavam; por isso mesmo, transformava em seus instrumentos para todo e qualquer fim, inclusive os de ofensa e de morte”. (CARVALHO FRANCO, p.149 apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1889).

Sob essa ótica as vidas dos trabalhadores ficavam à mercê dos proprietários. Nesta relação tanto o proprietário de terra quanto os trabalhadores tinham suas obrigações e deveres. Sendo assim os proprietários estabeleciam as obrigações a serem cumpridas, em troca deveria dar-lhe assistência jurídica, material e espiritual. Se os trabalhadores não cumprissem as regras, os proprietários usavam a violência para obrigá-los a cumprir.

No momento em ocorria à seca de 1877-79, o cangaço estava se expandindo:

O cangaceiro é o desdobramento do jagunço, homem pobre que, treinado para defender o seu padrinho, o coronel, contra ele se volta quando algum acontecimento provoca o rompimento do contrato tradicional. O assassinato de algum membro da sua família, a ofensa a algum preceito do código de moral tradicional ou mesmo desmandos e não cumprimento, por parte do proprietário do contrato verbal de trabalho, pode transformar o homem do coronel no homem contra o coronel. (ALBUQUERQUE,1988)

O cangaço tornou-se o instrumento de protesto contra a quebra dos valores tradicionais, pois em uma sociedade pobre com alto grau de exploração só lhes restava protestar, embora algumas vezes este compactuar com esta sociedade, aceitando, por exemplo, o coito de alguns coronéis e realizando alguns “serviços” para eles.

Outro movimento contra o rompimento dos valores tradicionais foi o messianismo. A opção pelo messianismo era para seus seguidores esperança de ter uma vida melhor para as pessoas que sofriam com a miséria e as injustiças sociais no cotidiano. Assim o messianismo foi de certo modo a maneira encontrada pelos sertanejos para responder às injustiças que estavam vivenciando

“Portanto, a seca de 1877, por todas estas circunstâncias que a envolvem, surge como um marco na memória dominante na região, memória construída pelos vários grupos sociais, mas principalmente pela elite dominante. Este marco, como qualquer outro da história oficial, é uma construção imaginária do discurso da classe dominante, que visava mascarar o fato de que as repercussões de 1877 são de outra qualidade, não porque esta seca tenha sido diferente das anteriores, mas por ela ter sido cercada por uma conjuntura que pôs em questão a exploração e a dominação destes dentro dos padrões em que eram realizadas. Por isso, tal conjuntura deve ser esquecida, deve ser apagada, precisa ser explicada pela ocorrência da seca, deslocando para o plano do natural dos fatores que se encontravam no plano social.” (ALBUQUERQUE,1988)

Dessa forma a seca de 1877-79 teve muita repercussão porque afetou a classe dominante, que no momento enfrentava uma crise política, social e econômica. Nesse sentido, essa elite utilizou a seca como instrumento político para chamar atenção da opinião pública e nacional para conseguir recursos, os quais eram usados para fins particulares. Percebemos então que não foi a escassez de água, a fome, a dizimação dos animais, a duração, a intensidade, mas toda uma conjuntura política, econômica e social que lhe rendeu a repercussão.

A tradição popular nos mostra que o sertanejo, procura diferentes formas para prever o fenômeno das secas. Assim vale reportar-se a Irineu Joffily, que no final do século XIX publicou Notas sobre a Parahyba, da qual foram transcritos por Ferreira:

“Os habitantes dessa região são um pouco astrólogos: observam com maior interesse a barra de Natal e do Ano bom, isto é, o modo porque aparece a aurora de cada um desses dias; e, baseados nesse exame, dão o seu juízo a respeito do próximo inverno”.

O sete-estrelado, o Carreiro, a mancha do sol, o circo da lua, o acaso do sol, o céu escamento, etc. tudo observam, de tudo minuciosamente em seus serões ou palestras à noite, quando se reúnem no alpendre ou copiar da casa, tirando augúrios ou conclusões encontradas.

Os mais supersticiosos deixam os astros e se apegam às experiências de Santa Luzia; assim como ao partir das hóstias nas missas de Natal e Ano Bom: se elas dão um estalo seco, concluem em desfavor do ano, se ao contrário emitem som surdo, apenas perceptível têm como bom sinal de inverno.

Afinal, os que têm melhor critério só falam e acreditam nos sinais que oferecem certas espécies dos reinos vegetal e animal, aos quais dedicam especial atenção.

É assim que ao florescer prematuro ou demorado do umbuzeiro, pau d'arco, barriguda, facheiro, o canto de algumas aves, o coaxar das rãs, a mudança de certos insetos, etc. dão-lhes argumentos para fundamentarem a sua opinião, servindo de apoio a uns e de contestação a outros os mesmos sinais observados em outros anos; divergência que sempre dá lugar a que algum mais circunspecto lance, no meio da conversação, como “ultima ratio”, as palavras-Deus é quem sabe-a que todos subordinam as suas experiências. (JOFFLY 197 p.175-1982,apud FERREIRA ,1993,p.50)

Partindo dessas concepções, é possível compreender que os sertanejos recorrem aos santos, astros, espécies vegetais e animais, para indicar possibilidades de seca, porém todas as experiências ficam submissas à vontade de Deus. Essas tentativas de previsão prevalecem nos dias de hoje. Nesse sentido vale apresentar o catolicismo, religião que exercia, e ainda exerce forte influência sobre as pessoas. Era muito comum em dias santos as pessoas fazerem experimentos para saberem se os tempos seriam

propícios para as chuvas ou não. Como, por exemplo, no dia de Santa Luzia colocava-se seis pedras de sal enfileiradas em uma tábua cada uma dessas pedras representava um mês, no dia seguinte observava as pedras, as que tivessem mais molhadas representava o mês chuvoso.

No século XIX a classe dominante com o intuito de conseguir recursos com o discurso político passa a investir em estudos no interior do Brasil. Através da lei nº 884, de 1856 formou-se uma comissão de estudiosos, dos quais dois passaram a escrever sobre as secas; foram eles: Giacomio Raja Gabaglia e Guilherme Capanema que apontaram propostas e soluções para as estiagens prolongadas.

No que se refere à Paraíba, Ferreira afirma que existem poucos trabalhos, mas que estes são de grande importância. Exemplo disso é o trabalho de Francisco Pereira da Silva, contratado pelo governo imperial na seca de 1845/46 para apresentar projetos para amenizar os problemas nas épocas das estiagens. Nesse sentido ele deixou duas memórias na primeira faz os seguintes apontamentos:

“[...] construir açudes em todos os municípios da segunda e terceira Comarca, cercando aqueles, que forem destinados para população beber, afim de não serem estragados pelo gado; cultivar a mandioca manipeba, que produz, e conservasse muito tempo no terreno seco; plantar o capim de angola que ainda seco e bom sustento para o gado proibir o corte e queimadas de árvores, matar nas proximidades dos rios açudes e fontes; evitar fazer roçados desde o primeiro de janeiro ate o fim de marco, porque sendo o tempo que a chuva esta mais próxima à superfície da terra desta província, o calórico desenvolvido por estas queimadas a faz evaporizar, finalmente proibir a criação dos gados nos lugares de agricultura, pois que está e um destruidor forte das plantações .(apud Tavares, 1910 p.52-3)

Em sua Segunda memória, a de 1848, atribui o problema das secas à falta de organização dos sertanejos:

“É verdade que a seca tem flagelado os habitantes da terceira Comarca desta Província, grande parte dos seus sofrimentos são causados pelo pouco cuidado e muita indolência, pois que no bom tempo só trata de gozar dos encantos da estação -sem cuidarem de se prevenir, para evitar a fome e a sede no tempo de seca” (TAVARES,1910,p.67-8)

Percebe-se que ele atribui os problemas da seca aos sertanejos, acusando-os de indolentes como se estes dispusessem de recursos para melhorar suas condições negligenciando-se o papel das políticas públicas.

Ademais, Ferreira discute com esses estudiosos mostrando suas especulações, propostas de soluções para combater as secas. Dentre eles podemos citar Francisco Soares Retumba, Irineu Joffly e Euclides da Cunha.

Retumba (1913), considera como graves problemas a falta de demarcação de terras, a ausência de capitais, a falta de conhecimentos técnicos que segundo o mesmo

gera desunião na classe operária. Ainda seguindo o pensamento de Francisco Pereira acredita que o sertanejo é preguiçoso. Nesta condição ele diz que:

“Enquanto não, será improfícuo qualquer remédio aplicado ao mal. Uma das forças mais poderosas para desenvolver-se rapidamente a riqueza pública é a união de classe. É justamente essa união que absolutamente falta aos comerciantes e agricultores da Paraíba, (...) Noto também que o amor ao trabalho é pouco, ou, por outra, que a preguiça é enorme. (...) nos sertões da Paraíba cerca de 70% da população vivia entregue a mais completa ociosidade” (Apud Tavares, 1910 pág. 180-1).

O historiador Irineu Joffly discordando de Retumba afirma que:

“Não esmorece, porém, o sertanejo, e na entrada do verão ei-lo de novo ocupando a reparar os estragos, a tapar os rombos dos baldos de terra solta, que nova cheia terá de romper no futuro”. (JOFFLY, 1977, apud FERREIRA, 1993, p.58)

Concordando com Irineu Joffly acredita-se que o sertanejo não desanima mediante as dificuldades, pois não permite que a ociosidade impeça a realização dos seus trabalhos.

No final do século XIX iniciou o debate sobre o problema das secas especificamente em 1877 na seca que teve uma repercussão que já apresentamos anteriormente. Sendo assim o Instituto Politécnico da capital imperial dedicou sessões para debater a questão da seca. Após essas sessões foi nomeada pelo governo imperial uma comissão científica para estudar o problema das secas, que era liderada pelo conselheiro Henrique de Beaupeaire Rohan e integrada por vários engenheiros brasileiros e estrangeiros.

A respeito da atuação desta comissão, José de Américo (apud, FERREIRA, 1993 p.60) afirma que não foram aproveitados, sequer, os estudos do engenheiro Francisco Pereira da Silva realizados por iniciativa do presidente da província.

Atuações dos órgãos de combate às secas

No governo de Campos Sales (1903/1904) o Governo Federal elaborou projetos para combater a seca, porém com a crise econômica do país não foi possível a sua execução. Sendo assim o seu sucessor Rodrigues Alves criou três comissões: 1. Açude e Irrigação, com sede no Ceará; 2. de Estudos e obras Contra os Efeitos da Seca; e 3. de Perfuração de Poços, ambos com sedes no Rio Grande do Norte. Com a intenção de resolver os problemas da seca.

Nessa dinâmica, em 1906 foi criada a Superintendência dos Estudos e Obras contra os Efeitos da seca, com sede no Rio Grande do Norte, a qual tinha o objetivo de

evitar a dispersão e duplicação de meios que tinham fins próprios como foi o caso das comissões imperiais.

De acordo com análises do engenheiro Francisco Pereira da Silva em relação aos resultados dos trabalhos das comissões no período que compreende entre 1904 e 1909 não foi positivo, pois o atendimento era realizado de forma desigual enquanto em uma determinada região realizavam várias obras em outras deixava a desejar, como foi o caso da Paraíba que nesse período não teve nenhuma obra realizada.

O Presidente da República Afonso Pena quando ascendeu à presidência, (1906-1909) começou a elaborar um projeto de organização de uma inspetoria, para estudos e execução de obras contras as secas, porém este projeto não foi concluído. Assim, após o seu falecimento o sucessor Nilo Peçanha renovou toda pasta ministerial e na pasta de Viação e Obras Públicas assume outro baiano, Francisco de Sá, que retomou o projeto e em 21.10.1909 criando a Inspetoria de Obras contra as Secas, com sede no Rio de Janeiro, através do decreto nº7.619. Seguindo este pensamento vale ressaltar a mensagem de Nilo Peçanha em 03.05.1910:

“Desde a seca de 1877, que flagelou o Ceará, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, consignou a União, quase permanentemente, verbas que nem sempre são despendidas como fim de melhorar as condições daqueles estados, que mais sofriam as consequências daquela calamidade. (...) Tem por fim a IOCS estabelecer tais serviços de um modo sistemático procurando obter os dados de observação necessária à confecção de projetos e obras de engenharia, destinadas a corrigir as falhas do clima e ao mesmo tempo executá-las por um trabalho regular.” (BRASIL PRESIDENTES, 1978, p.716)

Mediante essas afirmações percebemos que Peçanha acreditava que os trabalhos realizados antes da Inspetoria não atendiam às regiões mais castigadas com o flagelo, pois não disponibilizava de serviços preparatórios tanto científicos quanto técnicos. Desse modo a IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas) tinha a intenção de realizar projetos coerentes para atender a todos os flagelados.

Em relação ao regulamento do IOCS para combater os efeitos das secas este apresentava três capítulos: I- Dos serviços contra os efeitos da seca; II- Da execução das obras; III- Da direção das obras perfazendo um total de 60 artigos. Os serviços estabelecidos são os seguintes:

- I-Estradas de ferro e penetração;
- II - Estradas de ferro afluentes das estradas principais;
- III- Estradas de rodagem e outras vias de comunicação entre os pontos flagelados e os mercados e centros produtores;
- IV- Açudes e poços tubulares, os artesanais e canais de irrigação;
- V- Barragens transversais submersas e outras obras destinadas a modificar o regime torrencial dos cursos de água;

- VI- Drenagem dos valores desaproveitados no litoral e melhoramento das terras cultiváveis do interior;
- VII- Estudo sistematizado das condições meteorológicas geológicas e topográficas das zonas assoladas;
- VII- Instalação de observatórios meteorológicos e de estações pluviométricas;
- IX- Conservação e reconstituição das florestas;
- X - Outros trabalhos cuja utilidade contra os efeitos das secas a experiência tenham demonstrado. (FERREIRA, 1993 p.80)

Essas obras ficavam sob responsabilidade da União com a parceria dos estados. Sendo assim, o auxílio aos estados, através da Inspetoria, tornou-se obrigação da União, a qual tinha alguns requisitos; tais como: comprovação da incidência periódica das secas; existência de uma dotação orçamentária estadual especial para obras preventivas aos efeitos das secas; destinação da obra solicitada; compromisso de que tais verbas não seriam desviadas para outros fins.

A condição estabelecida para construção de açudes favoreceu as pessoas que já tinham recursos suficientes para instalar os açudes e conseguir a documentação. Enquanto isso as pessoas mais pobres continuavam cada vez mais dependentes dos coronéis, pois eles, neste momento, tinham uma influência política muito grande.

Segundo o relatório do engenheiro Francisco Pereira da Silva ao Inspetor da IOCS em 1910, a política interferia na construção das obras de combate às secas fazendo assim uma “indústria das secas”:

“A politicagem, que fez a sua estréia em 1877 nos negócios que se relacionam com essa assistência, exerceu neles a sua influência daninha por três modos diferentes:

- a) Empenhando-se para a distribuição do dinheiro aos municípios onde o compadresco partidário dispunha de mais força e onde as quantias recebidas eram empregadas sem fiscalização de autoridade alguma isto se prova com o fato de haver numerosos municípios que nunca receberam o menor benefício.
- b) Pelo Projeto e construções de obras que representavam menos satisfação das verdadeiras necessidades locais, do que a idéia de beneficiar propriedades de amigos ou consolidar a influência política de algum chefe do interior.
- c) Pela distribuição por particulares, logo que as obras foram entregues pela União ao Estado ou municípios, para o benefício de poucos, quando elas haviam sido feitas para o uso e gozo da comunidade... (FERREIRA, 1993, p.85)

A partir desse relatório vemos que a IOCS tornou-se um instrumento da elite nordestina que passou a se beneficiar com o problema das secas e como bem colocou Francisco Pereira da Silva. Este sistema já funcionava antes mesmo da criação da

Inspetoria, pois as comissões desviavam os recursos que eram destinados aos flagelados como vimos o que ocorrera na seca de 1877.

O período ocorrido entre 1909 a 1918 é considerado a primeira fase da Inspetoria, a qual tinha uma equipe formada por técnicos e engenheiros liderada pelo engenheiro de Minas Miguel Arrojado de Lisboa, que em 1912 foi substituído por Araújo Reis.

Nesse período Hermes da Fonseca (1910-1914) estava no poder e a IOCS teve seu regulamento alterado pelo Decreto nº 9.256, de 28.11.1911. Essa reformulação foi alvo de críticas e elogios:

-Luciara Frota: a ampliação do regulamento do IFOCS no governo Hermes da Fonseca foi o reconhecimento oficial da necessidade de mudanças do combate às secas sendo um marco delineador nas tentativas de efetuação de um sistema preventivo aos seus efeitos.

-Albert Hischman: O novo regulamento da inspetoria, em vigor sob a nova administração de Hermes da Fonseca, em fins de 1911, transmite de fato a impressão de que a burocracia estava começando a se afirmar vigorosamente na nova agência. O regulamento, depois de reproduzir mais ou menos ao pé da letra as cláusulas antigas sobre as atribuições do órgão, consagra 16 páginas de texto miúdo a uma detalhada descrição dos postos, responsabilidades, direitos e deveres do pessoal. (apud FERREIRA, 1992 pág.89-90)

Concordando com o posicionamento de Hischman, Ferreira diz que não houve mudanças significativas, pois os objetivos da IOCS praticamente não foram alterados nessa primeira fase de atuação da Inspetoria.

No momento em que Epiácio Pessoa tomou posse o Nordeste estava enfrentando a seca de 1919-1920, assim nos confirma o jornal Diário do Estado, o qual nos apresenta reclamações de providências, tanto do governo federal quanto do estadual, meses antes da posse de Epiácio Pessoa, tendo em vista a seca:

... A missão do governo não é agir quando a nossa capital estiver invadida pela multidão faminta e assolada pela peste que acompanha as multidões agrupadas, causando então danos irreparáveis... (11.04.1919)

- O povo desesperado de fome, sede, apelar, como está fazendo, para o auxílio dos poderes públicos, nobres e constitucionalmente investidos do dever de assistência coletiva, quando se trata de calamidade comum. Mas desenganados desses favores, porque a tardança nas providências é um meio remédio ao perigo, olhará para o crime, para o furto, para o roubo e quiçá para mais graves atentados. (28.05.1919)

Analisando as reivindicações é percebemos que faz uma alerta aos poderes públicos para tomarem as devidas providências com relação à utilização dos bens públicos para que o problema não se agravasse. Nessa situação o jornal A União, apresenta o pensamento do Presidente do Estado da Paraíba Camilo de Holanda, em sua mensagem à Assembleia Legislativa, em 1920, demonstrando a sua esperança no governo Epiácio Pessoa:

“Felizmente acha-se na suprema magistratura do país, um grande filho desta zona torturada, conhecedor, como poucos, das terríveis consequências da desgraça deste fenômeno climatérico”. E quanto S. Ex. está firmemente disposto a trabalhar pela solução do complicado problema, di-lo de forma irrefutável a lei de 25 de dezembro de 1919, obra exclusivamente sua filha de sua energia dos seus propósitos e seu acendrado patriotismo.

“Esta grande zona que estava por bem dizer, se desagregando da economia nacional, a qual, o estadista notável, com o poder de sua clara visão vai integrar na pátria.” (A União, 23.03.1920)

Segundo o jornal, o presidente Camilo de Holanda cria expectativas em relação ao governo de Epiácio Pessoa, pois acreditava que a presença de um Nordeste na presidência iria atender às reivindicações do Estado, tendo em vista a problemática das secas.

Ferreira (1993) considera que Epiácio Pessoa foi o presidente que mais investiu no Nordeste, porém ela diz que em termos de ideias e planos Epiácio Pessoa não foi o pioneiro, Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca e Delfim Moreira são os principais responsáveis pelo plano posto em prática por ele. Assim a federalização da IOCS, denominada, a partir de então, Inspeção Federal de Obras Contra as Secas-IFOCS que é atribuída a Epiácio Pessoa já estava articulada antes do seu governo.

Segundo o DNOCS (apud FERREIRA, 1993, p.96) no governo de Delfim Moreira, vice-presidente em exercício foi lançada as novas bases para a IOCS com a aprovação da IFOCS, através do Decreto nº 13.687, de 09.07.1919. Neste momento, portanto, a IOCS-Instituto de Obras Contra as Secas passa a ser denominada de IFOCS-Inspeção Federal de Obras Contra as Secas.

De acordo com Guerra (1981, p.60 apud Pomponet Conj. & Planej., Salvador, n.162, 2009, p.60) no governo de Epiácio Pessoa foram importados muitos equipamentos para construção de açudes, estradas de ferro e rodovias no interior do Nordeste. Apesar dos oligarcas locais não aceitarem tais obras por temerem a modernização do sertão e a eliminação da pobreza que era seu capital político.

No governo de Getúlio Vargas (1930-1945) preservou-se a lógica da construção de açudes para combater as secas. Em 1945, o então Instituto Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), que rebatizou o antigo IOCS em 1919, tornou-se finalmente Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

A partir da década de 50 a visão sobre as secas foi alterada, pois deixou de ser explicada apenas pelos fatores climáticos e passou a ser analisada através do conjunto de fatores sociais. Isso aconteceu por que o coronelismo estava enfraquecido. Como nos explica Pomponet que “as estradas facilitaram a migração dos sertanejos deixando o Nordeste sem progresso nas cinco primeiras décadas do século XX, enquanto isso o desenvolvimento urbano e industrial ocorria em outras regiões.”

No instante em que os sertanejos migram através das estradas o poderio dos coronéis entra em decadência e conseqüentemente diminui sua intervenção nas obras contra os efeitos da seca, pois como já mencionamos esse pequeno grupo aproveita os recursos para fins particulares. Assim o problema das secas passa a ser visto de forma crítica deixando de ser explicado apenas pelo fator climático.

Houve uma mudança de pensamento em relação à seca, mas infelizmente na prática o DNOCS continuou subordinado aos coronéis regionais como constata Furtado:

“As máquinas e equipamentos do DNOCS eram utilizados por fazendeiros ao seu bel-prazer. Nas terras irrigadas com água dos açudes construídos e mantidos pelo governo federal, produzia-se para o mercado do litoral úmido, e em benefício de alguns fazendeiros que pagavam salários de fome [...] Em síntese, a seca era um grande negócio para muita gente.” 1997, p.86) apud Conj. & Planej., Salvador, n.162 (2009 p. 61)

Esses recursos emergenciais eram desviados e usados em benefício dos proprietários de terras que detinham o poder e os flagelados não eram atendidos e ficavam cada vez mais dependentes desse sistema corrupto. Como bem sabemos, esse sistema teve sua origem na República Velha, na qual as pessoas ficavam a mercê dos favores dos coronéis através do chamado “voto de cabresto”, onde o eleitor teria que votar no candidato escolhido pelo coronel, pois se não agisse dessa maneira seria ameaçado pelos jagunços.

O Projeto que instituiu a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) colocava a DNOCS sob a supervisão deste órgão, extinguindo seu papel na

execução de obras rodoviárias, que passaram às esferas federais e estaduais e redefinindo suas funções, focadas na execução de projetos voltados para o aproveitamento de água. Esse projeto depois de aprovado pelo Congresso passou a enfrentar os conservadores no Nordeste para colocar em prática seu objetivo que era: reduzir a imensa desigualdade regional, que começava a criar diferenças profundas em relação ao Sul e ao Sudeste, mais desenvolvidos e em franco processo de industrialização.

Contrariando o discurso oficial:

“Nova secas se abateu sobre a região em 1969-1970 e a SUDENE e o DNOCS não se mostraram capazes de agir com eficiência diante do flagelo. E, contrariando o discurso oficial, o órgão permaneceu realizando obras em propriedades particulares, principalmente nas de que tinha assento no Congresso Nacional. A hipocrisia, a pusilanimidade e uma severa estiagem entre 1979 e 1983 produziram nova tragédia no Nordeste, com milhões de mortos e flagelados. À época, contudo, já não cabiam os discursos incrédulos de parlamentares, como no início do século XX, porque a calamidade ganhou os telejornais e comoveu o Brasil.” (Conj. & Planej., Salvador, n.162 (2009, p.62)

De acordo com Villa os totais de mortos variam, porém a cifra mais conservadora, a dos governantes que indica 100 mil mortos (apud Conj. & Planej., Salvador, n.162 2009, p.62). As demais estimativas apresentam 700 mil mortos por fome ou fraqueza a 3,5 milhões. Desta foram mesmo a SUDENE fiscalizando a DNOCS as falcatruas por parte dos governantes locais permaneciam castigando cada vez mais os flagelados. Assim vemos que as catástrofes são semelhantes a que ocorrera na seca de 1877-1889, as quais foram apresentados anteriormente.

Nesta lógica Villa salienta ainda que as medidas adotadas pelos governos fossem a construção de açudes pelo DNOCS – as obras da seca de 1970 foram se decompondo logo depois de concluídas – e as frentes de trabalho, nas quais se alistaram 1,5 milhões de flagelados. A recessão de 1981 comprometeu ainda mais a ajuda aos nordestinos, que se alimentavam de ratos, calangos e outros animais que sobreviviam na caatinga da estiagem severa. O pouco recurso que recebiam era embolsado pelos corruptos ou servia para adquirir alimentos de péssima qualidade para os flagelados com a estiagem. A grande concentração de terra na região ajudava a explicar flagelo, pois foi registrada na década de 1970: em 1972, quatro mil proprietários (2,71% do total) detinha 51% das

terras. Outros 350 mil detinham 1,83%. Por essa concentração o problema das secas agravava e os sertanejos migravam em busca de melhores condições de vida.

Desse modo, a nova perspectiva de 50 não alterou o sistema vigente, tendo em vista a seca de 1979-1983. De acordo com a visão de Villa “As agências federais perderam autonomia e ficaram submetidas à lógica militar”, tornando-se meras repartições dedicadas a atividades rotineiras. Sob esta visão, no período militar a DNOCS e SUDENE acabaram favorecendo assim os conservadores nordestinos, pois o DNOCS retrocedeu como vimos na seca de 1979-1983. Portanto, somente após a ditadura a discussão sobre a seca é retomada.

Conforme Pomponet:

“Em 2009 o DNOCS completa um século de existência, perpetuando sua missão de combater os efeitos das secas. É evidente que o semiárido exigia a criação de um órgão que dotasse a região de infraestrutura para reter a água das chuvas irregulares, empregando-a nos períodos secos, sustentando a atividade econômica e evitando a fome, a migração e a morte de milhões de sertanejos. Só que a questão nordestina não se resume às limitações edafoclimáticas, sanáveis com açudes, poços, canais de irrigação e represas. A situação, nos dias atuais, não seria tão crítica, caso o problema se limitasse a essas intervenções, mesmo com o largo uso político do órgão em proveito da elite política local.”

Recentemente em 2008 nos sertões nordestino a seca castigou mais uma vez o homem pobre do campo que teve suas plantações e animais atingidos. Neste momento em que vários estados declararam situação de emergência. “Esse problema é oriundo das diferenças sociais e econômica, as quais a maioria dos sertanejos depende de assistência dos governantes.” (Conj. & Planej., Salvador, n.162 (2009 p.63-64)

É possível perceber que ao longo do tempo foram criados diferentes órgãos que tinham o objetivo de combater à seca, porém a apropriação dos chefes políticos desses órgãos impedia a concretização desse objetivo levando os nordestinos a conviverem com essa problemática, como um elemento natural, enquanto isso outros se aproveitam dessa condição para atender interesses próprios.

CAPITULO III

A memória (re) constrói a seca de 1970 em Bonito de Santa Fé

A seca de 1970 foi um fenômeno que marcou a memória de muitos bonitenses, pois no presente é lembrado, com muita tristeza, principalmente, pelos agricultores que falam do sofrimento que passaram, tendo que trabalhar nos serviços emergenciais. Partindo desse pressuposto, surgiu o meu interesse em responder questões que começaram a me inquietar tais como: o que eram os trabalhos emergenciais? Quem poderia participar? Por que a seca de 1970 teve essa repercussão? Enfim, várias indagações despertaram a minha atenção para pesquisar sobre a temática, principalmente porque na cidade de Bonito de Santa Fé, não temos discussões historiográficas sobre o assunto.

Desta forma, optei por trabalhar através de entrevistas com pessoas que participaram dos trabalhos emergenciais ou que moravam no Município de Bonito de Santa Fé, no momento da estiagem. Assim entrevistei o senhor Ademar Pereira, 71 anos que trabalhou nas frentes emergenciais como operário, a senhora Maria Izaira da Silva, 65 anos que morava na cidade no momento da estiagem; a senhora Neuza Pereira, 77 anos que teve que conviver com a seca, o senhor Francisco Fernandes de Sousa, 80 anos que tinha um comércio e fornecia alimentos para os trabalhadores da emergência, o senhor Antenor Furtado de Freitas, 76 anos participou na condição de feitor dos serviços emergências; O senhor Valdecir Tenório de Sousa, 60 anos, trabalhou como operário; O senhor Severino Pires das Neves, 90 anos aposentado do fisco da Paraíba e vereador várias vezes da cidade de Bonito de Santa Fé. A partir das entrevistas percebemos que existe um leque de possibilidades para compreendermos a temática.

Dentre os períodos de estiagens na cidade de Bonito de Santa Fé, o ano de 1970, foi um dos que mais repercutiu na sociedade bonitense, pois nessa época, muitas pessoas passaram necessidades e tiveram como alternativa o engajamento nas “frentes emergências” mantidas pelo Governo Federal. É nosso objetivo discutir o porquê dessa repercussão atribuída a este ano. Depoimentos como os da aposentada, Maria Izaira da Silva, 65 anos nos ajuda a compreender um pouco dessa experiência:



“Em 1970 houve seca e foi terrível, porque geralmente quem mais sofre é a pobreza a gente éramos pobre, eu era recém-casada e meu marido não conseguiu emergência que foi o que veio, ele tinha uns animais que carregava lenha pra vender na cidade e não consegue vagas na emergência, (...) Não teve chuva nem pra molhar o terreno, não foi aquela seca verde, foi seca mesmo. (...) Eu passei [fome], nessa eu passei tava, até grávida do meu primeiro filho, por sinal Deus levou, só durou 24 dias ,eu passei porque eu não aguentava mais comer aquela comida.[choro]” (entrevista concedida a autora em 21/06/2012)

Figura II – Maria Izaira da Silva,
65 anos

A fala de D. Izaira permite-nos perceber o impacto dessa seca na vida cotidiana de alguns moradores bonitenses da época, pois segundo a mesma, o seu marido não se engajou nas frentes emergenciais, que era uma forma de ganhar algo pra conseguir sobreviver. Dessa forma, ela fala de suas dificuldades com tristeza, pois no momento estava grávida e quando o seu filho nasceu com poucos dias morreu, talvez por desnutrição, já que a mãe não estava se alimentando de forma adequada.

Corroborando com a fala de D.Izaira, o agricultor e bonitense Valdecir Tenório de Sousa, 60 anos nos diz:



“Eu mesmo passei fome, nos só comia jabá com farinha”.
(entrevista concedida a autora em 21/06/2012)

Figura III: Valdecir Tenório de Sousa,
60 anos.

Através dessas afirmações é possível perceber que a seca de 1970, alterou o cotidiano dos bonitenses e que estes apontam como possibilidade para driblar os efeitos da seca a participação nas frentes emergenciais.

Nesse sentido, as frentes emergenciais eram, para muitos, a possibilidade de enfrentar de forma digna os efeitos da seca. Pessoas como o senhor Ademar Pereira, 71 anos que participou desses trabalhos temporários, os vê como uma tábua de salvação:



Figura IV: Ademar Pereira, 71 anos.

“Deu umas chuvadas quase como este ano, mas quando a planta estava pertinho de brotar faltava [chuva]. Muita gente passou [fome] até chegar a frente de serviço, quase 90% do povo passaram fome. Cheguei [passar fome, pausa e choro], mas depois que começou a estrada[serviços emergenciais] todo mundo ganhava alguma coisa, num sabe hoje o governo dá tudo nas mãos, mas naquele tempo a gente tinha que suar, ganhava mais demorava a receber 30 dias, de 15 dias ,se faltasse não tinha de onde ganhar, a gente tinha que aguenta.” (entrevista concedida a autora em 07/07/2012)

Para o senhor Ademar o trabalho nestas frentes foi o que amparou sua família que no momento passava necessidades. Apesar de não receber o salário em dia contribui, pois como ele mencionou não tinha outra meio de ganhar dinheiro, já que dependia da agricultura e esta estava impossibilitada de garantir o seu sustento.

As funções a serem exercidas nessas frentes eram várias. Além dos operários, que trabalhavam nas construções de estradas, tinha o aguador para colocar água para cozinhar os alimentos, o lenheiro para colocar lenhas, o apontador, que fazia uma chamada para saber quem estava presente no dia de trabalho, o fiscal, que observava se o trabalho estava sendo realizado de forma coerente e o feitor, responsável pela organização. O senhor Antenor de Freitas, 76 anos, participou desses trabalhos na condição de feitor¹⁰ e descreveu assim essas frentes:



Figura V: Antenor Furtado de Freitas, 76 anos.

“era o seguinte as turmas era de 25 pessoas, se você chegasse e só tinha 17 faltava 3 ou quatro, você entrava como feitor, mas depois chegava mais gente eles [operários] iam butando pra você que a sua [turma] tava desinteirada, por exemplo, só tinha se alistado com 18 homens tava faltando 5, eles colocavam no trecho pra trabalhar ai, quando chegava gente ia juntando pra completar as 25 pessoas. O feitor era responsável pelas ferramentas, e pelo trabalho de fazer a gente ia dizendo onde baixava meio metro, pra aterrar 70 cm, onde cavava vamos dizer que o feitor era o mestre, os trabalhadores faziam o que o feitor mandasse sabe, o feitor dizia vamos cavar aqui a gente fazia uma banda, um pedaço, depois a outra banda, ai a gente tirou uma estradinha por fora pros carros andar roçava arrancava os tocos pros carros ficar andando. Você era responsável pelas ferramentas e tinha que entender do serviço pegava o papel e ia fazer, vamo dizer daqui [Rua Áurea Dias de Almeida] pro coreto [Rua Batista Leite] ai tinha um buraco às vezes era uma boeira fazia um barranco deixava aqui e fazia do outro lado pra água passar serviço de alvenaria ,quando não tinha era só aterro ou corte ia cortando aqui e aterrando aculá, tirando daqui e colocando no buraco na ladeira. O serviço do feitor era esse: administrar. E tinha às vezes eles entregava o papel e outras

¹⁰ Administrador de bens alheios ou capataz.

vezes eles passavam dizendo o que era pra fazer.”(entrevista concedida a autora em 22/07/2012)

A fala do senhor Antenor de Freitas, ajuda-nos a compreender o papel do feitor que era o administrador e fiscal da obra que estava sendo realizada, para ver se estava sendo feita a contento. Para realizar este serviço, o feitor entregava aos operários, papéis com as instruções para realizar suas tarefas ou acompanhava os operários orientando-os verbalmente. Infelizmente, não encontrei estes papéis para esta pesquisa, mas isso não significa que eles não existiram, ou que não tive acesso ao conteúdo a partir das memórias dos depoentes.

Além disso, é possível entender que o feitor era o elo entre a empresa realizadora da obra e os trabalhadores. Ele tinha uma função importante, de controle, e isso refletia em sua remuneração, como nos mostra os documentos oficiais de 1970, o feitor ganhava Cr\$ 4,00 por diária, diferentemente de um operário que ganhava Cr\$ 2,00 por diária.

A jornada de trabalho era exaustiva, o senhor Ademar Pereira, 71 anos, afirma que trabalhava “8 horas por dia, de 7 as 11 e de 1 as 5, de segunda á sexta” (entrevista concedida a autora no dia 07/07/2012). É importante ressaltar que participavam destes trabalhos homens e mulheres, embora nos documentos oficiais encontrados não conste a participação das mulheres que na época também contribuíram na realização destes trabalhos. De acordo com o senhor Ademar “cada turma tinha uma mulher que era barraqueira, fazia comida pros operários.”¹¹ (entrevista concedida a autora em 07/07/2012). Observa-se que as mulheres desempenhavam uma função importante, pois eram responsáveis pela alimentação dos trabalhadores. Elas eram chamadas de barraqueiras porque ficavam nas barracas feitas de palha para executar suas tarefas.

Portanto, algumas pessoas que precisavam dos trabalhos emergenciais para sobreviver muitas vezes não conseguiam fazer parte das frentes emergenciais. Para participar destes trabalhos fazia-se um alistamento, e as pessoas deveriam ser de baixa renda como nos fala o senhor Severino Pires das Neves:

¹¹ Acredito que as mulheres assim como os homens recebiam alguma remuneração, mas não tenho como apresentar por que elas não aparecem nas folhas de pagamento da época que encontrei ao longo pesquisa.

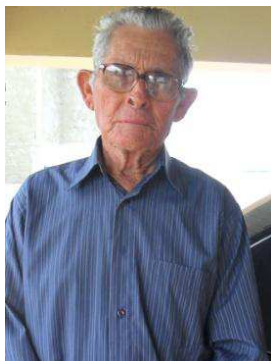


Figura VI: Severino Pires das Neves, 90 anos.

“Era identificar àqueles que não tinham renda e não era funcionário do Estado ou Município, muito menos da União não poderia ter comércio como tinha uma pessoa ou outra que tinha um comércio que se infiltrava mais recebia muito aborrecimento Assim tinha que constatar as pessoas pobres. A exigência era grande do governo para se alistar quem tivesse qualquer fonte de renda ou salário não se alistava.” (entrevista concedida a autora em 14/07/2012)

Diante dos fatos, mesmo com as exigências para participar dos trabalhos emergenciais, pessoas que tinham condição financeira eram engajadas, enquanto outros que precisavam ficavam de fora. A fala do senhor Severino Pires, mostra-nos que na época o atendimento não era diferente de hoje pois, a maioria dos programas de assistência não atende a população de forma igualitária como, por exemplo, o bolsa família. Quantas pessoas deveriam receber e não são contempladas.

O pagamento das pessoas que participavam destes trabalhos era efetuado através de folhas como nos mostra o senhor Francisco Fernandes, 80 anos (conhecido como seu Esmerindo), na época, comerciante:



“vinha as foia [folhas de pagamento] pra trocar por dinheiro, já ao comprador das foia a gente pegava o dinheiro e comprava o fornecimento como bem feijão, farinha e furnicia, eu tinha vendinha e fornecia. Trocava [as folhas de pagamento] por dinheiro comprava as foia e recebiam o dinheiro, quem tinha mais condições comprava muita folha com Zé Moreira, outros trocavam em legumes ai eles vendiam as foia para os compradores” (entrevista concedida a autora em 05/07/2012)

Figura VII: Francisco Fernandes de Sousa, 80 anos.

Segundo o senhor Francisco Fernandes, comerciante da época, o pagamento era realizado através de folhas de pagamento, nas quais os operários tinham a opção de trocar por dinheiro ou por alimentos nas vendas. Ele, por exemplo, fazia o fornecimento de alimentos, ou seja, trocava a folha em mercadorias. Assim, um operário que

precisasse de alimentos e não tivesse o dinheiro para comprar poderia negociar com o comerciante e comprar para pagar depois com as folhas.

Situação descrita assim pelo senhor Severino Pires das Neves, 90 anos aposentado do fisco da Paraíba:

“Eles [operários] recebiam as folhas e trocava nos escritórios, mas os compradores das folhas trocava por moedas e ali [comércio] fazia o pagamento depois aqueles que compravam as folhas no escritório do governo, bancos e trocava lá [escritórios]. Os compradores de folhas compravam a folha e tinha um desconto uma taxa, como se fosse um juro, que dava interesse a eles e quem perdia e sofria era o operário, já o salário era reduzido, ai pra vender as coisas e vender as folhas e receber semanal ficava menor o salário”(entrevista concedida a autora em 14/07/2012)

Através da fala de Severino Pires, entende-se, que os operários não eram obrigados a trocar as folhas pelos alimentos, tinha liberdade de escolha. Acreditamos que estes faziam esta troca por necessidade, pois o lucro era para os comerciantes, que além de vender suas mercadorias, ainda cobravam juros para trocar as folhas por alimentos.

Seu Francisco Fernandes (Esmerindo), 80 anos, afirmou que o governo mandava alimentos para ajudar as famílias atingidas pela seca. “Vinha óleo, massa do reino [farinha de trigo], o governo mandava fora as foia [folhas de pagamento]. O alimento vinha, eles entregavam ao feitor e eles distribuía era pra quem trabalhava.” (entrevista concedida a autora em 05/07/2012). Através da fala do seu Esmerindo pode-se destacar mais uma função do feitor, pois este distribuía os alimentos enviados pelo governo aos flagelados. Ainda é possível constatar que além de serem beneficiados pela participação nos trabalhos emergenciais, esses operários ainda recebiam uma ajuda em alimentos do governo. Essa talvez seja uma das razões para que esses trabalhos sejam considerados tão importantes por alguns depoentes.

Havia ainda pessoas que, mesmo sem estarem alistados nas frentes emergenciais, conseguiram o auxílio de alimentos. É o caso da senhora Maria Izaira, 65 anos:

“recebiam [trabalhadores emergências] umas feiras, na época chamava boboca, um arroz parecia nem sei com quer, um óleo Jesus do céu **misericórdia**, até hoje tenho repugnância de óleo. uma farinha de trigo era isso, dava né pra pobreza, horrível essas coisas, a gente comia porque era obrigado e um feijão preto que passava três dias no

fogo e não cozinhava. Independente do trabalho essas coisas vinha”.
(entrevista concedida a autora em 21/06/2012)

D.Izaira lembra com desprezo das feiras que recebia, pois segundo a mesma, era de má qualidade, e tinha que comer porque não tinha outra opção. O marido dela não recebia dinheiro, pois não trabalhava nas frentes e ela era doméstica e no momento estava gestante, o que agravava a situação.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores emergentes, a senhora Neuza Pereira, 77 anos, aposentada, apresenta o deslocamento para o local de trabalho com uma das dificuldades, pois morava no sítio Piranhas, Município de Bonito de Santa Fé, e o seu marido e um dos seus filhos participavam dos trabalhos emergenciais na construção de estrada, assim ela nos conta a dificuldade deles para chegar até o local de trabalho:



*Figura VIII: Maria Neuza Pereira,
77 anos.*

“veja do sítio Piranhas [município de Bonito de Santa Fé] para Monte Horebe [cidade vizinhas] quantos quilômetros não dava pra ir e voltar no mesmo dia, depois com o tempo foi que apareceu transporte para pegar esse povo no trecho onde estavam trabalhando pra vim pra cidade Bonito, mas para o sítio não ninguém dormia em suas casas, porque de Bonito as Piranhas[Sítio município de Bonito de Santa Fé] são 10 quilômetros de Monte Horebe [cidade vizinha] eu nem sei avaliar. Eles trabalhavam o dia todo, aqueles que moravam longe do trabalho procuravam lugar pra se arrancar digamos assim, um proprietário naquele setor que eles estavam trabalhando tivesse uma casa que desse pra acolher aquela turma, eles oferecia e o pessoal dormia e se aglomerava naquele espaço.”(entrevista concedida a autora em 06/07/2012)

A senhora Neuza, conta as dificuldades de transporte para o seu esposo e seu filho, pois moravam no sítio e só tinha transporte para levar os trabalhadores da cidade para o trecho. Assim, os trabalhadores da zona rural, quando não iam de animal, tinha que ficar na casa de alguém na cidade ou no trecho em alguma fazenda.

Além dos trabalhadores da zona rural de Bonito de Santa Fé, vale ressaltar que, pessoas de cidades vizinhas também participavam como nos relata o senhor Ademar Pereira, 71 anos:

“Tinha [gente] de muitas cidades na seca de 70 foi no governo de Zé Amorim, ele que convocou a frente de serviço com a SUDENE[Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste] no sertão da Paraíba, foi o primeiro lugar a vim a emergência, veio

gente de todo lugar Cajazeiras, Cachoeira dos Índios, de tanto lugar, aqui não coube gente ai quando tinha, gente de mais as frentes de serviço foram carregando o pessoal de cachoeira dos índios vem pra aqui, mais como era muito distante, arrumaram outra frente de serviço pra lá, para qualquer coisa fazer açude, barragem essas coisas e colocaram esse povo em cidade, mas aqui no começo tinha muita gente de fora.” (entrevista concedida a autora em 07/07/2012)

Acredito que as construções de estradas, seria uma possibilidade de acesso a outras cidades mais desenvolvidas, dessa forma, ampliaria o desenvolvimento do Município. Os documentos oficiais encontrados, só constam serviços emergenciais ligados à construção de estradas.

Na concepção do senhor Severino Pires, 90 anos, aposentado do fisco, esses serviços não foram muito significativos, pois o mesmo acredita que deveriam ter realizados mais obras, para ele

“a emergência no sertão nunca funcionava era um paliativo pela quantidade de pessoas que era muita gente se fosse para cada um desenvolver uma tarefa, não dava pra cada, o próprio encarregado das autoridades que administravam a emergência dos escritórios DNOCS [Departamento Nacional de Obras Contra as Secas] mandavam técnica de trabalhos para eles. Então funcionava dessa maneira precariamente, pagamento salário baixo também não fazia quase nada. De maneira nenhuma, nem um metro desta estrada nem roça eles roçavam, foi feita pelo governo do Estado.” (entrevista concedida a autora em 14/07/2012)

O senhor Severino Pires, relata que as obras realizadas pelos serviços emergências não contribuíram para o desenvolvimento do município, acreditando ele, que os trabalhos emergenciais não funcionava como deveria era apenas um paliativo, que o governo oferecia aos flagelados, pois segundo ele não construíram nenhuma estrada apenas ficavam acampados nas barracas.

Diferentemente do que pensa a senhora Neuza Pereira, 77 anos “Se o governo tivesse ajudado mais tinha amenizado o prejuízo, mas como só veio essa ajuda pra trabalhar braçalmente nas estradas pra melhorar a situação, pois onde não tem estrada não tem comércio então eu acho que foi alguma coisa”. (entrevista concedida a autora em 06/07/2012). Percebemos assim que a referida senhora acredita que as frentes de trabalho contribuíram com o desenvolvimento comercial assim como também ajudou os agricultores flagelados com a seca, pois não tinha onde buscar recursos. Nesta lógica a senhora acredita ainda que os governantes deveriam ter colaborado mais para melhorar a condição financeira destes sertanejos.

Compartilhando esse pensamento, ressalta o senhor Antenor Furtado de Freitas:

“Ave Maria se não fosse à megência o como era que fazia o que cumer não tinha os mais carentes inverno não houve serviço, quem era que tinha dinheiro, quem era o proprietário e mesmo que tivesse ia fazer o que? a solução era a megência, a felicidade foi essa megência teve três vezes em 58, 70 e 80”(entrevista concedida a autora em 22/07/2012)

Analisando a fala dos depoentes, vemos que além destas diferenças, existem semelhanças, pois o senhor Severino Pires, mesmo desconsiderando a quantidade de obras realizadas em 1970, nas frentes emergenciais, concorda com os depoentes no instante em que diz: “dava paliativo [serviços emergências] para ajudar a pobreza, mas não houve obras de destaques que marcasse”. (entrevista concedida a autora em 14/07/2012) Assim ele vê os trabalhos emergenciais como uma forma que o governo encontrou para amenizar o sofrimento dos pobres, mas esses trabalhadores não fizeram nenhuma obra que merecesse destaque.

Vale ressaltar que além do engajamento nas frentes emergenciais existiam outras opções tais como o saque dos comércios, a migração para cidades mais desenvolvidas, com o intuito de obterem melhores condições de vida. Como fala o senhor Antenor Furtado de Freitas, 76 anos “Foi embora muita gente, uns pra Alagoa e outros pra Bahia, uns voltaram e outros até hoje”. (entrevista concedida a autora em 22/07/2012)

É interessante também mencionar a migração para o estado de São Paulo, pois muitos nordestinos se deslocavam até mesmo de caminhonetes no estilo pau-de-arara, pois o Brasil estava no auge de sua industrialização. Nos depoimentos e documentos oficiais, não constam dados de pessoas que migraram para São Paulo, mas acreditamos que dentre os nordestinos tinham pessoas do sertão da Paraíba, especificamente, Bonito de Santa Fé.

No que diz respeito aos saques comerciais feitos na cidade, alguns não se lembram se houve diferentemente de outros, como é o caso do senhor Antenor de Freitas, 76 anos que “Houve [saque no comércio], teve feira que o pau avuou foi um funaré, carregavam farinha, mas teve muita gente que se aproveitou levou até tecido, calçado”. (entrevista concedida a autora em 22/07/2012).

Ao analisar essa afirmação, percebe-se que a situação era precária, aonde as pessoas por necessidades chegavam a cometer atos infames, como a invasão ao comércio, até mesmo porque os preços deveriam ter aumentado, diminuindo assim a possibilidade de compra, pois estes já estavam sofrendo sem obter resultados em suas plantações, muitas vezes não conseguiam se engajar nas frentes de trabalho.

Outro fator que é interessante mencionar, é das famílias, nessa época, serem numerosas, o que dificultava a sobrevivência. Desta forma não temos a intenção de justificar tais invasões, mas de apresentar o contexto, que levava muitas vezes pessoas de bem a saquear, com o intuito de alimentar ou vestir seus filhos.

Diante dessa situação o que faziam as autoridades locais? Para seu Antenor, as autoridades não conseguiam impedir, tais invasões: “Quem pode com o povo um dois soldadinho resolve 300 homens besteira”. Diferentemente do que nos diz Severino Pires das Neves, 90 anos:

“Não, nessa época em 70 eu estava no fisco e no comércio quando eles se reúnem e a gente percebia a intenção do povo para saquear o comércio, as autoridades tomava a frente e dava qualquer ajuda, como cereais para distribuir gratuitamente para as famílias maior, que o salário que recebia da emergência não dava pra sustentar a família então, aqueles de família mais acrescentada o prefeito, os funcionários os comerciantes, eu mesmo participava a gente fazia uma cota para ajudar aquelas famílias que não tinha condições de sobreviver com o que ganhava da emergência” (entrevista concedida a autora em 14/07/2012)

Nesta lógica, ele discorda do senhor Antenor de Freitas, pois acredita que não houve saque no comércio, porque as autoridades locais impediam oferecendo auxílio aos flagelados. Nesse sentido, acredito que as autoridades governamentais deveriam criar programas para atender às necessidades dos flagelados, além das frentes de trabalhos e não somente quando estes já estavam no limite do sofrimento.

Corroborando com estes pensamentos, vemos que a seca de 1970, na cidade de Bonito de Santa Fé, não deve ser compreendida apenas pela memória daqueles que acreditam que foi a pior seca, porque tinham que trabalhar na emergência, mas compreender a partir das múltiplas versões.

Ano	Obra	Empresa	Dinheiro
1979	Implantação do sistema de abastecimento de água	Prefeitura Municipal, conveniado com os órgãos estaduais, entre eles CAGEPA	7.279.000,00 CR\$
1979	Restauração da barragem do Zé Francisco	Prefeitura e SUPLAN	2.464.000,00 CR\$
1979	Demolição da cadeia pública		
1979	Agência do Banco do Brasil	Prefeitura Municipal de Bonito de Santa Fé	
1979	Construção da Coletoria Estadual	Município doa terreno ao Governador do Estado	
1971	Açougue Público Municipal	Prefeitura Municipal de Bonito de Santa Fé.	
1979	Serviços de roços e recapeamento de estradas municipais	Prefeitura Municipal	
1970	Serviço de Emergência-Estrada	Prefeitura Municipal	
1970	Serviço de Emergência – Estrada –Bonito-Viana	Prefeitura Municipal	
1973	Assistência a torre de televisão		
1979	Construção da casa de bomba e poço de sucção no serviço de abastecimento de água		
1979	Construção de colunas na implantação do sistema de abastecimento de água.		
1979	Encanamento da barragem Zé Francisco		
1976	Construção da praça padre Cícero	Prefeitura Municipal	
1976	Mercado de Viana	Prefeitura Municipal	
1979	Escavação de valetas no trecho Zé Francisco	Prefeitura Municipal	
1972	Construção da lavanderia pública	Prefeitura Municipal	

Tabela 1 – Relação das Obras realizadas em Bonito de Santa Fé na década de 1970

Analisando a tabela acima, é possível perceber que a década de 1970, na cidade de Bonito de Santa Fé, foi um momento de muitas transformações, onde nota-se, que em 1970, não existia abastecimento de água, pois como vemos foi em 1979, que foi implantado o abastecimento de água; como consta nos documentos oficiais, no qual a Prefeitura, através de convênios com órgãos estaduais; como, por exemplo, a CAGEPA, realizou esta obra.

Nesse sentido, compreendemos que a dificuldade dos bonitenses que residiam na zona urbana, era grande, pois tinham que carregar água dos açudes, pois em 1970 foi projetado, porém apenas em 1971 foi implantado o sistema de abastecimento de água funcionando durante nove anos. O manancial freático do riacho Santo Antônio, captado pelo poço Amazonas, localizado na montante da cidade. Esse poço apesar de ter boas condições de drenagem, no mês de setembro esvaziava e assim não era possível o bombeamento da água. Além disso, a água não era de boa qualidade como nos mostra o documento dirigido ao Secretário de Planejamento do estado e o depoimento do senhor Ademar Pereira, 71 anos:

“Não, a água encanada chegou no governo de Zé Amorim ,também foi feito um poço, quando ele arrumou a água pra Bonito cavaram um poço eu e Luiz Clemente que fizemos o poço, veio um construtor de fora, mas foi nos que construímos, ainda hoje ta levantado lá num tem o Áurea Dias[Escola Municipal], mais embaixo bem no meio de um riacho, tem um poço, mas esse poço não dava pra abastecer a cidade, depois que cavaram e encanaram pra caixa de água ligaram água não dava pra beber era salobra e nem sustentava a cidade, ai foi que veio depois começou por ai ,foi que essa companhia da CAGEPA[Companhia de Água e Esgotos da Paraíba] fizeram um açude em Zé Palitot ,foi no Zé Francisco ou o açude já era feito ai eles reconstruíram e Zé Palito deu a água pra o governo e eles encanaram lá do Zé Francisco, com muito tempo já em 85 construíram esse açude grande o Bartolomeu.”(entrevista concedida a autora em 07/07/2012)

Entendemos que a encanação da água para cidade de Bonito de Santa Fé, inicialmente, foi através de um poço perto da cidade, o qual passou nove anos atendendo de forma precária a população bonitense, pois a água não era de boa qualidade. Sendo assim a prefeitura municipal procurou a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba -CAGEPA, para fazer um estudo da situação.

Mediante este diagnóstico, foi elaborado pelos Serviços de Estudos e projetos da CAGEPA, um projeto para implantação de outro manancial, o qual foi indicado o açude Zé Francisco, o que tinha como proprietário, Zé Palitot, que o cedeu para o governo sem restrições. Foram analisadas amostras da água e constatou-se que esta era de boa qualidade.

Para reforçar esta afirmação, vale ressaltar, o depoimento do senhor Valdecir Tenório, 60 anos: “antes vinha o carro pipa lá do açude do Zé Francisco pra cá [Bonito de Santa Fé] depois veio uma ordem pra nós cavar os alicerce pra butar os canos pra vim à água lá do açude do Zé Francisco”(entrevista concedida a autora em 21/06/2012)

De acordo com a tabela, vemos que o projeto para implantação do sistema de abastecimento de água no ano de 1979 foi de 7.279.000,00 cruzeiros, onde a prefeitura juntamente com outros órgãos estaduais financiaram a implantação do sistema de abastecimento de água, Zé Francisco.

Ademais ampliaram a barragem do açude Zé Francisco, na qual a SUPLAN assumiu a construção com gastos estimados em Cr\$ 2.464.000,00, conforme o quadro de obras realizadas na década de 1970.

Para realização do projeto, a prefeitura Municipal, impossibilitada de arcar com as despesas no curto tempo exigido e pela própria urgência do problema solicitou do secretário de Planejamento do Estado recursos na ordem de Cr\$ 1.644.000,00 cruzeiros (hum milhão, seiscentos e quarenta e quatro mil cruzeiros) para construção da casa de bombas, complementação da linha Adutora, construção da Estação de Tratamento e Casa de Química, Caixa de Passagem, Reservatório de Lavagem e complementação do material de João Pessoa-Bonito de Santa Fé (a CAGEPA fornece o material, porém não transporta ao local da obra).

Compreendemos através destas explicações, que os bonitenses em 1970, passaram por muitas dificuldades, pois não existia abastecimento de água e, além disso, a falta de chuvas intensificava este sofrimento no momento em que vários açudes esvaziaram e o acesso a água fica cada vez mais difícil, pois nesse instante, o projeto para abastecimento da água estava sendo elaborado. Como reforça Ademar Pereira, 71 anos “tudo era na lata e no jumento carregando dos açude” (entrevista concedida em 07/07/2012)

É interessante ressaltar, que atualmente a população bonitense é abastecida através da água do açude Bartolomeu, que por falta de chuvas tem seu manancial reduzido e a situação esta cada vez mais preocupante, é tanto que suas comportas foram fechadas através de movimentos feitos pela administração municipal, juntamente com a sociedade perante CAGEPA temendo a falta de água, pois em todo sertão nordestino a falta de chuva tem devastado as lavouras, muitos animais vêm morrendo, a inflação aumentando. Os Bonitenses imploram a Deus por chuva e compararam esta seca com a ocorrida em 1970.

Para Ademar Pereira, 71 anos em 07 de julho de 2012 sobre as ultimas secas:

“o governo hoje ajuda muito, naquele tempo não ajudava muito, hoje ta mais fácil, o menino tem o leite, o pão tem onde passar o dia comendo, estudando a custa do governo, embora sai de nosso espinhaço, porque o imposto e a custa do nosso suor o trabalhador vai pagar imposto caro mais vale muitos cobram e não usam.”(entrevista concedida a autora em 07/07/2012)

Nesta lógica, ele acredita que atualmente os governantes ajudam mais as pessoas diferentemente do que acontecia em 1970, que não tinha os programas de assistência como tem hoje. Assim para ele e para o senhor Severino Pires, as secas não afetam com intensidade a população:

Diferença é muito grande os governos têm muita preocupação dá uma assistência que atente muito bem a população faminta porque um ano como esse perdeu a lavoura quase tudo, mas Bonito ainda teve um pequeno arranjo, mas teve alguns setores mesmo em Bonito que perderam tudo e tem Município como Conceição foi totalmente perdido, ai o sertão da Paraíba, sertão do Ceará e o sertão de Pernambuco foi uma calamidade. Fui a Recife de em pertencam de Juscelino [seu filho] é uma calamidade terrível perdeu lavoura não tem pasto não tem nada. O governo hoje faz estradas, açudes, dá apoio a todos os municípios, como por exemplo, a Prefeita fazendo o aterro sanitário, uma obra de um milhão e tanto que fica próximo a minha propriedade, então a seca hoje os menores não sofre nada, porque os poderes públicos tem maior cuidado, o povo hoje não quer trabalhar, pois quem não tem salário, não tem emprego tem bolsa escola, os bancos é cheio de fila da pobreza pra receber dinheiro. Hoje não se encontra ninguém pra trabalhar até uma mulher pra trabalhar numa casa e nem encontra pra trabalhar em serviços mais grosseiros como em uma construção. Todo mundo acomodado e ninguém passa mais fome, os comércios tem de tudo, cereais, verduras está uma maravilha porque o governo se preocupa e dá todo apoio antes era diferente, o governo demorava e quando dava um pequeno apoio era assim, decretava a emergência com o salário resumido que não dava pra sustentar a família, toda casa tem renda mesmo não sendo empregado tem bolsa dos filhos que estuda. Hoje ninguém sabe quem é o rico ou pobre todo mundo se veste bem.(entrevista concedida em 14/07/2012)

Analisando esta afirmação vemos que para o senhor Severino Pires, hoje o governo ajuda tanto a população, que as secas não comprometem a sobrevivência, pois são muitos os auxílios recebidos pelos governantes, é tanto que as pessoas ficaram ociosas sem querer trabalhar, esperando apenas pelos programas sociais desenvolvidos pelos governantes.

Nesse pensamento, discordamos com ele no momento em que ele generaliza afirmando que todos têm o poder de compra, pois acreditamos que mesmo com o auxílio de vários programas existem pessoas que mesmo com baixa renda infelizmente não são contempladas, pois no Brasil a distribuição de renda é desigual.

No que diz respeito à obra realizada pela Prefeita Aldery, concordamos com o senhor Severino Pires, pois o Aterro Sanitário irá beneficiar toda população bonitense protegendo a natureza e ao mesmo tempo a saúde e o bem-estar.

Analisando a tabela, nota-se que até 1979 não existia agência do Banco do Brasil na cidade de Bonito de Santa Fé, pois segundo o ofício nº 117/79 TA de 31 de outubro de 1979, a cadeia pública foi construída em lugar indevido, sendo solicitada do governador a autorização para sua demolição e estas atendidas. Sendo assim, após a demolição da cadeia pública, parte do terreno foi aproveitado para construção da Agência do Banco do Brasil. Este documento é dirigido a Secretária do Interior da Justiça para acelerar o projeto da nova cadeia .

Ademais podemos conferir que, o Açougue Público Municipal, foi construído em 1979, acreditamos que a construção das estradas em 70 e os serviços de recapeamento ajudaram a cidade a desenvolver o comércio, pois facilitou o acesso a cidade. Podemos constatar também a construção do mercado do Viana, distrito da cidade de Bonito de Santa Fé, que os serviços emergenciais estrada –BONITO –Viana, contribuíram, pois a população do Viana não precisava mais se deslocar para Bonito para fazer a feira.

Dentre estas construções podemos destacar a construção da lavanderia pública que também foi no ano de 1979, como nos fala Ademar Pereira, 71 anos:

“Eu trabalhei de 70 pra cá na construção da lavanderia, que foi no governo de José Amorim ,o campo de futebol, clube de dança trabalhei também e na maternidade que trabalhei muito. Não ,tinha um posto médico e a construção da maternidade começou antes de 70 e terminou em 78 por ai e ficou muito bem organizada não sei por que acabaram. O hospital ,é novo parece que foi no governo de Antônio Pedro”(07/07/2012)

Mediante estas explicações vamos constatando que as dificuldades de 1970, eram muitas e a seca agravou essa situação como nos reforça ainda o senhor Ademar Pereira: “A seca, mal dormida, mal comida não tinha tratamento de nada as crianças morriam direto juntava tudo a fome a doença eles nunca dizia, mas morria de fome mesmo também a fome já é uma doença muito grande.” (entrevista concedida a autora em 07/07/2012)

Desta forma, percebemos que Bonito de Santa Fé no ano de 1970 não tinha infra-estrutura para atender a população e nesse contexto que devemos compreender que esses fatores contribuíram para que alguns bonitenses considerem essa seca uma das piores secas.

Apesar dessas dificuldades, o senhor Antenor Furtado de Freitas afirma, que no momento não houve epidemias:

“não houve porque era vacinado todo pessoal o povo daqui mesmo vacinava ,quando agente ia entrar no serviço com uma turma logo no começo quando o povo começou, a chegar quis da uma epidemia de febre, mas ai começou logo a vacinar era como quem ia pra guerra você arrumava sua turma pra ir pro trecho assinava os papel e vacinava logo, olha o tamanho do aparelho era como aqueles de vacinar gado.” (entrevista concedida a autora em 22/07/2012)

Pode-se dizer assim, que para algumas pessoas os trabalhos emergenciais foram a “salvação” dos problemas que estes estavam enfrentando com a seca e que mesmo trabalhando muito nas construções de estradas, se deslocando para o local de trabalho muitas vezes a pé, era compensável, pois a maioria dos agricultores não tinha nenhuma fonte de renda. Nesse sentido, a emergência ajudou a muitos pais de famílias a manter a sobrevivência dos seus.

Diferentemente do que pensam outros que acreditam que na realidade não existiram obras feitas pelos serviços emergenciais e que este foi apenas um método encontrado pelo governo para ajudar os flagelados.

Mediante estas explicações vemos que, é necessário compreendermos o contexto em que ocorreu esta seca, como também o lugar social em que os depoentes estavam inseridos para analisar este momento histórico. Assim chegamos, à conclusão que existem inúmeras versões sobre a seca de 1970 e os trabalhos emergenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem diferentes versões sobre os trabalhos emergenciais na década de 1970, em Bonito de Santa Fé, algumas divergem entre si e outras são semelhantes, mas nos ajudaram a compreender a nossa problemática, pois ao analisar essas versões conclui-se que para algumas pessoas, como agricultores que participaram dos serviços de emergência, estes contribuíram muito para sua sobrevivência e que para eles realizaram grandes obras como as construções de estradas.

Para outros, esses trabalhos emergenciais não foram muito significativos no que se refere à construção de grandes obras, pois acreditam que foi apenas uma forma que o governo encontrou para ajudar os flagelados e estes não tinham muitos afazeres, assim chegam a questionar o porquê de tantos trabalhadores emergentes não terem feito obras que contribuíssem com o município.

A partir destas análises, fica claro que as versões dependem muito do lugar social do depoente e ainda que o governo, sobretudo na cidade de Bonito de Santa Fé, em 1970 na época das secas, investiu nas construções de estradas através dos trabalhos emergenciais para ampliar o comércio.

Percebeu-se ainda que na década de 1970, Bonito de Santa Fé estava passando por diversas transformações com a realização de obras que impulsionavam o desenvolvimento da cidade como: construção da Agência do Banco do Brasil, do Açougue Público, da Maternidade, do sistema de abastecimento de água, da energia elétrica, entre outros que nos possibilitaram entender que no ano de 1970 especificamente esta cidade ainda não estava bem estruturada o que possivelmente contribuiu para dificultar ainda mais a vida dos seus habitantes.

É importante apresentar grupos que atualmente defendem políticas efetivas no semiárido da Paraíba como é o caso do Coletivo Aguaceiro, que discute os problemas relativos à seca, com o intuito de buscar comprometimento dos poderes constituídos. Esse grupo é resultado da inquietação de artistas, estudantes e entidades sensíveis à problemática das secas que assolam o Nordeste. Participam desse movimento: Centro de Referência em Direitos Humanos do CDSA/UFCG, Instituto Nacional do Semiárido

(INSA), Associação do Semiárido (ASA), SINDIFISCO-PB, ADUFPG, SINTESPB, CRESS, ANPUH, SINTAB, ANDES, MST e OAB.

O principal objetivo dessa Comitativa é discutir e implementar políticas efetivas para população pobre e carente ,que historicamente são excluídas pelas políticas públicas. Desta forma não aceitam projetos grandes que nunca chegam a serem concluídos, que atendem a ganância de alguns em detrimento das necessidades dos outros. Ademais não concordam com as políticas assistencialistas que distribuem alimentos, carros pipas e latas d'água para manter a sobrevivência de homens e mulheres.

A Comitativa Aguaceira não tem o intuito de combater as secas, mas de apresentar meios que possibilitem a convivência elas. Acredito que suas ideias são interessantes, pois como bem sabemos historicamente, as ações emergenciais para combater a seca não têm resolvido a questão. Diferentemente da comitativa, o projeto da Transposição do Rio São Francisco trabalha na perspectiva de combater as secas.¹²

O projeto contempla os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco e destacam-se o aumento da garantia de oferta hídrica proporcionada pelos maiores reservatórios estaduais; melhor distribuição espacial da água ofertada pelos açudes estaduais; e abastecimento seguro para os municípios. Nesse sentido serão beneficiados diretamente 391 municípios.¹³

Concordamos com a Comitativa Aguaceira, pois como vimos ao analisar os trabalhos emergenciais de 1970 em Bonito de Santa Fé, não resolveu o problema dos flagelados. Assim pensamos que o governo deveria investir em políticas efetivas que apresente possibilidade de convivência com seca.

Contudo, essa pesquisa não chega à conclusão propriamente dita, pois é possível perceber que existem lacunas direcionadas para o enfoque proposto. Assim é importante ressaltar que a História possui lacunas temporais sempre sujeitas a análises e que sempre encontram novos fatos que ampliam o campo das possibilidades históricas a serem estudadas.

¹² <<http://movsocial.org/noticias.php?id=2655>> Acesso em 22 de março de 2013

¹³ <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/12/12/obras-de-transposicao-do-rio-sao-francisco-esta-o-43-concluidas>>Acesso em 22 de março de 2013

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Manuscritas

Fichas dos trabalhadores emergenciais, 1970. Arquivo Municipal. Bonito de Santa Fé

Ofícios das obras realizadas na década de 1970. Arquivo Municipal Bonito de Santa Fé

Fontes impressas:

PESSOA, Epitácio da Silva. **Discursos Parlamentares**. Rio de Janeiro; INL, 1955.

ROLIM, Aguinaldo, “**Dr. Batista Leite 100 anos de nascimento**”. IN revista Cêntelha, Cajazeiras: Gráfica Ideal, 2006.

BRAZIL. PRESIDENTE. Mensagens Presidenciais, 1919/1922. Brasília: Câmara dos Deputados, Documentos Parlamentares 71,1978b.

PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP(Pontifícia Universidade: Católica de São Paulo,1981

JORNAIS

A Opinião-1877

Diário do Estado-1915/16

A União-1903/22

ARTIGOS

CUNNIF, Roger. “The birth of the industry: imperial and provincial response to great draught Northeast-Brazil (1877/80).” Revista de Ciências Humanas. Fortaleza: UFCE (v. VI n°1/2), 1975.

POMPONET, André Silva. “**100 anos de DNOCS marchas e contramarchas da convivência com as secas.**” Conj.& Planej. Salvador. N 162, p.58-65. Jan/mar.2009

Internet:

“Asa Branca”. Disponível em: <<http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>>. Acessado em 20 de junho de 2012.

Disponível:<<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/BONI033.pdf>>. Acessado em 15 de agosto de 2012.

Disponível:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=250240>> Acessado em 15 de março de 2012

Disponível:< <http://movsocial.org/noticias.php?id=2655>> Acessado em 22 de março de 2013.

Disponível: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/12/12/obras-de-transposicao-do-rio-sao-francisco-estao-43-concluidas> >Acessado em 22 de março de 2013.

Depoimentos pessoais

Ademar Pereira. 07 -07-2012.

Antenor Furtado de Freitas. 22 -08-2012.

Francisco Fernandes de Sousa.05-07-2012.

Maria Izaira da Silva. 21 -06-2012

Maria Neuza Pereira. 06 -07-2012

Severino Pires das Neves. 14 -07-2012

Valdecir Tenório de Sousa. 21 -06-2012

TEXTOS

ALBUQUERQUE JR.Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino. De problema a solução. (1887-1922).** Dissertação (UNICAMP), 1988.

ALMEIDA, José de Américo de. **A Paraíba e seus problemas.** 3 ed. João Pessoa: A União,1980.

BARBOSA, **Orris. Secca de 32 (impressões sobre a Crise Nordestina)** Rio de Janeiro, Adersen-Editores, 1935.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5 ed. São Paulo,Loyola,2005.

CAJÚ, Sandoval. **O conservador**. 2ed. Oficinas de serviços Gráficos de Alagoas, Maceió-Alagoas, 1991.

CLEMENTE, Francisco de Assis Lucena. **Educação Ambiental em Bonito de Santa Fé Estado da Paraíba**, 2006.

DÓRIA, Carlos Alberto. **O Cangaço**. 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.

FERREIRA, L. F. G. **Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. 1993.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP: imprensa Oficial do Estado, 2002.

FROTA, Luciara S. de Aragão. **As secas como tema político-administrativo na História do Ceará**. São Paulo. (Tese de Doutorado. USP.). Mimeo, 1978.

GUERRA, Paulo. **A Civilização da seca**. Fortaleza: DNOCS, 1981.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. **Morte e Vida das Oligarquias**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

HIRSCHMAN, Albert. **Política econômica da América Latina**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Paraíba**. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 1977.

LIMA, Lauro G. **O Cavalo de Piripiri**. Impresso pelos alunos da Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, Recife- PE, 1977.

Mello, Jose Octávio de Arruda - *História da Paraíba: lutas e resistências* 2a ed. João Pessoa. Editora Universitária-UFPB, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **“O coronelismo numa interpretação sociológica”**. IN FAUSTO, B.O Brasil Republicano (Estrutura de poder e economia). 2ed. São Paulo: Diefel, 1977.

SOUSA, Eloy de. **O Calvário das secas** 2ed. Mossoró: ESAM (Col.Mossoroense, v.38), 1976.

TAVARES, João de Lyra. **A Parahyba. Paraíba do Norte**: Imprensa Oficial, 1910.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e morte no sertão**. São Paulo: Ática, 2000.

ANEXOS

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SOBRE OS TRABALHOS EMERGENCIAIS
NA SECA DA DÉCADA DE 1970**

Maria Cirana Laise Diniz (MC)

1. Ademar Pereira (AP)

Entrevista realizada pela autora as 10h00min horas da manhã, na residência do depoente em Bonito de Santa Fé, no dia 07 de julho de 2012.

MC: Qual o seu nome ?

AP: Ademar Pereira.

MC: Quando e onde o senhor nasceu?

AP: Na cidade de Condado, depois vim pra Bonito em 40.

MC: Na década de 1970, o senhor morava na cidade de Bonito de Santa Fé?

AP:60 e 70 morava de 43 até hoje ,eu sempre morei aqui.

MC: O senhor lembra se houve seca nesse momento?

AP: Houve no ano de 58 e no ano de 70, mais as duas mais lembradas foram 58 e 70 a de 58, lembro mais do que a de 70, eu era garoto em 58, eu tava com 18 anos, eu trabalhei na emergência nessa estrada, que vai de Bonito a Cajazeiras ,mas era pra fazer no braço não tinha maquina não tinha nada, tirava a tipografia da estrada e a gente saia procurando trecho para trabalhar de Santa Fé, pra sair depois do Horebe

MC: Isso em 70?

AP: Isso em 58 já começou ai, pararam quando chegou inverno em 59, outra frente de serviço de emergência, em 70 continuou a estrada de terra e os carros ficaram rodando agora, o asfalto só foi depois no governo de João Bichara agora de São José de piranhas a Cajazeiras foi no governo de Wilson Braga que terminou.

MC: A maioria das pessoas trabalhava em que?

AD :Era na carroça abrindo trinco trabalho braçal, não tinha maquina não tinha nada.

MC: Os agricultores nesse tempo conseguiram tirar legumes?

AP: Em 70 não, conseguiram em 58, a seca foi mais braba em 70, aqui de uma vez pro outra ainda tirava uma coisinha, poquinho, outros não colheu nada, atrasou.

MC: Choveu em algum momento?

AP: Deu umas chuvadas quase como esse ano, mas quando a planta tava pertinho de brotar faltava.

MC: O senhor tem conhecimento de alguém que passou fome na seca de 1970?

AP: Muita gente passou até chegar à frente de serviço quase 90% do povo passaram fome.

MC: O senhor chegou a passar fome?

AP: Cheguei, [pausa choro] é depois que começou a estrada todo mundo ganhava alguma coisa, num sabe hoje o governo da tudo nas mãos, mas naquele tempo agente tinha que suar, ganhava, mas demorava a receber 30 dia, de 15 dia se faltasse não tinha de onde ganhar, tinha que aguentar.

MC: O senhor sabe nos dizer se houve saque no comércio?

AP: Muito, era tanto que dia de feira eles botava gente pra segurar as portas, outros num abria com medo, só bastava dizer vamos tomar eles paravam temia e trancavam as portas, mas quebraram muita venda.

MC: Os animais foram atingidos?

AP: morreram muito de fome sede

MC: O senhor participou dos trabalhos emergenciais?

AD: Particpei de todos daqui, até São José de Piranhas

MC: O senhor poderia nos falar sobre as obras emergências contra a seca. O que foi construído? Como as pessoas participaram?

AP: Obras só a estrada, eu não me lembro parece que foi no governo daquele que morreu a pouco tempo, Buriti, houve umas frentes de serviço que fizeram umas cisterna pelo mato obra de ponte mais depois do asfalto foi.

MC: O senhor sabe se tinha algum contrato para poder trabalhar? E quanto ganhava?

AP: Ganhava pouco, não tinha contrato, assinava a folha eu, por exemplo, eu tinha uma turma, queria registrar uma turma, eu era o feitor que chamava antigamente, então, pegava dose homens e alistava e ficava responsável pelo serviço, ai tinha feitor, fiscal, apontador que pegava o ponto das pessoas quando era no final do mês.

MC: O senhor sabe dizer se as mulheres trabalhavam?

AP: Também de barraqueira, cada turma tinha uma mulher que fazia comida pro os operários.

MC: Ela ganhava?

AD: O mesmo tanto dos homens, tinha a mulher, o homem para butar água, o aguador, o lenheiro pra caçar lenha, que tinha canto que não tinha lenha, deixava um operário para caçar ,outro pra butar agua, a mulher pra cozinhar e o resto na estrada.

MC Trabalhavam quantas horas por dia?

AD: 8 horas por dia, de 7 as 11 e de 1 as 5, de segunda a sexta se faltasse não ganhava só se tivesse doente levasse um atestado, se faltasse da satisfação levava zero, eles apontavam todo dia pra começar o serviço bem cedo e 1hora da tarde apontava de novo. Não tinha meio ponto, tinha muitos que não ia, mas muitas vezes, o apontador quebrava o galho quando era um problema sério e os colegas também confirmava, as vezes estava com um a pessoa doente em casa, um animal sem comer você tinha que esta lá e administrando a casa.

MC: O feitor ganhava mais do que os operários?

AD: Ganhava, mas um pouco, não era muito diferente, vamos dizer, um e meio por cento a mais da gente.

MC: O senhor morava na cidade e se deslocava pra trabalhar onde era local que vocês se encontravam pra trabalhar?

AD: morava na cidade, o lugar era no trecho mesmo quando era perto da rua, a gente vinha dormir em casa, mas quando era longe vamos dizer, o primeiro plano que foi por Santa Fé, [Antiga vila] mas não deu certo, aí mudaram pro Horebe, mais perto quando agente trabalhava longe que não aguentava ir e voltar dormia lá e quando era perto vinha dormia em casa com tanto que tivesse lá, 7 horas da manhã.

MC: Tinha transporte pra levar vocês?

AD: Não tinha carro pra nada, tinha animal, algumas pessoas tinha animal e ia a cavalo e o animal arrumava um lugar pra butar no correr do dia e 99% ia no pé, não tinha animal.

MC: O senhor sabe dizer se tinha trabalhadores de outras cidades?

AP: Tinha de muitas cidades, na seca de 70, foi no governo de Zé Amorim, foi ele que convocou a frente de serviço com a SUDENE [Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste] no sertão da Paraíba, foi o primeiro lugar a vim a emergência, veio gente de todo lugar cajazeiras, Cachoeira dos Índios de tanto lugar, aqui não coube gente ai quando tinha, gente de mais as frentes de serviço foram carregando o pessoal de cachoeira dos índios vem pra aqui, mais como era muito distante arrumaram outra frente

de serviço pra lá, para qualquer coisa fazer açude barragem, essas coisas e colocaram esse povo em suas cidade, mas aqui no começo, tinha muita gente de fora.

MC Quem era o prefeito da época?

AP: José Amorim.

MC: Quais os anos mais secos nessa década?

AP: Só em 70, em 71 já houve inverno, mais as duas secas mais brabas que eu já conheci nesses 70 anos de vida, foi a de 58 e 70

MC: O pagamento era em alimentos ou em dinheiro?

AP: O pagamento era em dinheiro, tinha um barracão pra gente comprar, trabalhava e o barracão fornecia no dia do pagamento, era pago no barracão pra ninguém ficar devendo.

MC: O barracão era um estabelecimento comercial?

AP: Era uma casa comercial bem sortida eu não sei se o barracão... mas tem uma pessoa que você se entende que pode explicar melhor que eu, era o encarregado ou o Dono Severino Pires das Neves ,que esta em boas condições de responder essas perguntas, até eu no tempo do barracão eu trabalhava na estrada tô falando da seca de 58 eu trabalhava na estrada e sexta no barracão embrulhando café, naquele tempo não tinha saco, não tinha nada era cortar o papel e embrulhar.

MC Na opinião no senhor esses trabalhos emergências contribuíram? Quais foram às benfeitorias que os trabalhos emergências trouxe para população?

AP: Olha, naquela época qualquer trabalho contribuía porque ninguém tinha nada

MC: Quanto tempo durou esses trabalhos emergências?

AP: 6 a 7 meses

MC: Nesse momento como era feito o abastecimento de agua da cidade?

AP: Não tudo era na lata e no jumento carregando dos açudes

MC: De onde vinha?

AP: Tinha um açude que chamava açude dos Agostinhos, hoje é de Pedro Nazário, sustentava a cidade de agua de beber era de lá, tinha vários cacimbão na rua cavado no braço até na casa da minha sogra, tinha um na casa de seu Chico Otaviano, naquela Rua da prefeitura pra cá, essa Rua que desce pra Fatima e posto de Bio Lucena, só tinha aquela rua, as pessoas se virava com agua de cacimbão assim pra lavar roupa, pratos, a agua era limpa, mas era salobra.

MC: Quer dizer que não tinha agua encanada?

AP: Não, a água encanada chegou no governo de Zé Amorim, também foi feito um poço, quando ele arrumou a água pra Bonito, cavaram um poço eu e Luiz Clemente que fizemos o poço, veio um construtor de fora, mas nos que construímos, ainda hoje ta levantado lá, num tem o Aurea Dias[Escola Municipal], mais embaixo bem no meio de um riacho, tem um poço, mas esse povo não dava pra abastecer a cidade, depois que cavaram e encanaram pra caixa de água ligaram água não dava pra beber era salobra e nem sustentava a cidade, ai foi que veio depois começou por ai foi que essa companhia da CAGEPA[Companhia de Água e Esgotos da Paraíba]fizeram um açude em Zé Palitot, foi no Zé Francisco ou o açude já era feito ai eles reconstruíram e Zé Palitot deu a água pra o governo e eles encanaram la do Zé Francisco, com muito tempo já em 85 construíram esse açude grande o Bartolomeu.

MC: Quer dizer que a encanação vinha do açude Zé Francisco?

A primeira do cacimbão, a segunda do Zé Francisco la de Zé Palitot e depois mudaram a instalação para o açude do açude do Bartolomeu

MC: O senhor poderia nos falar um pouco da cidade de Bonito de Santa Fé em 70 .O que tinha energia elétrica, banco?

AP: A energia chegou no governo de Zé Amorim, em 69 também era motor, funcionava das 6 as 7 da noite ai apagava só tinha energia no outro dia, dava um sinal apagava e acendia quem tivesse namorando do lado de fora que entrasse [risos] pra dentro era meio ignorante naquele tempo

MC: O senhor lembra as construções que foram realizadas nesse momento e quais o senhor participou?

AP: Eu trabalhei de 70 pra cá na construção da lavanderia, que foi no governo de José Amorim, o campo de futebol, clube de dança trabalhei também e na maternidade que trabalhei muito.

MC: Tinha Hospital em 70?

AP: Não, tinha um posto médico e a construção da maternidade começou antes de 70 e terminou em 78 por ai e ficou muito bem organizada não sei porque que acabaram

MC: E a construção do Hospital foi em 70?

AP: O hospital é novo, parece que foi no governo de Antônio Pedro

MC: O senhor poderia fazer uma comparação das ultimas secas com a seca de 1970 ?

AP: Depois da de 70 não houve seca, mas pouco chuva, vamos dizer como esse ano considerado uma seca depois de 70, as secas que houve era melhor do que essa ,mas o governo hoje ajuda muito, naquele tempo não ajudava, hoje ta mais fácil, o menino tem o leite, o pão tem onde passar o dia comendo, estudando a custa do governo,

embora sai de nosso espinhaço, porque o imposto e a custa do nosso suor o trabalhador vai pagar imposto caro mais vale muitos cobram e não usam .

MC: O senhor disse que antes de 70 estavam construindo a maternidade assim o senhor sabe nos dizer se houve epidemias de doenças ?

AP: Em 70, houve uma vacina que tinha cara que corria [risos] um aparelho só enchia que colocava em todo mundo, o mesmo era como quem vacina gado dava uma dose tinha caba que corria, a medicina mesmo era besta porque colocar o mesmo aparelho, em 70 teve vacina mais teve muita febre, morreu muita gente .

MC: O senhor acha que as pessoas chegavam a essas condições também por conta da seca?

AP: A seca, mal dormida, mal comida não tinha tratamento de nada, as crianças morriam direto, juntava tudo a fome, a doença eles nunca dizia, mas morria de fome mesmo também, a fome já é uma doença muito grande .

2. Antenor Furtado de Freitas (AF)

Entrevista realizada pela autora às 13: 00 horas da tarde, na residência do depoente, em Bonito de Santa Fé, no dia 22 de agosto de 2012.

MC: Qual é o nome do senhor?

AF: Antenor Furtado

MC: Quando e onde o senhor nasceu?

AF: Nasci em 09 de setembro de 1936 no Sítio Ferreira município de Bonito de Santa Fé

MC: O Senhor morava na cidade de Bonito de Santa Fé na década de 1970?

AF: Morava no sítio Ferreira

MC: O senhor poderia nos dizer se houve seca nesta década e quais os anos de 70 a 80?

AF: A primeira seca que eu vi na minha vida foi em 58, a segunda em 1970 e a terceira em 1981, mas as secas depois de 70, foi assim com esse ano, que sempre chove, faz pasto mas não dá ligume, mas dá o amparo, agora 70 ninguém tirou ligume, não houve água ai, houve a emergência pros agricultores, eu formei uma turma de 25 homens, era 24 homens e uma mulher pra ir pro mato cortar pau arrancar toco, pra fazer a estrada quando a gente terminou de limpar, ai juntou o povo de Horebe, São José de Piranhas [cidade vizinha a Bonito de Santa Fé] e daqui emendou daqui até São José de Piranhas, só era gente uma turma e depois a outra e justamente essa estrada [liga Bonito á Cajazeiras] que tem hoje, essa pista ai foi nos que arranquemo os toco e fizemos o serviço de terra planagem pra São José de Piranhas. Na emergência o prefeito era Doutor Zé ai ele arranjou a emergência e trouxe o povo de Cajazeiras, Souza que aqui não tinha estrada pra ir pra São José de Piranhas, ficou uma estrada até mais ou menos, já feita de terra, mas dava pra rodar bem, já feita as boeiras ai quando veio a pista ... não lembro bem o ano.

MC: Quer dizer que foi a solução encontrada pelo prefeito para combater a seca?

AF: Perfeitamente, o governo mandou a emergência e Dr. Zé era o prefeito, então ele arranjou lá essa estrada, de São José de Piranhas pra Cajazeiras já tinha estrada, mas daqui pra São José de Piranhas não tinha era só uma raspagem, ai veio esse pessoal todinho de Souza, Antenor Navarro, Cajazeiras, Cachoeira dos Índios, trabalhava tudo aqui ai encheu de gente daqui pra São José de Piranhas, quando terminava uma turma era outra os trechos da gente era 80 metros por exemplo 80 metros pra minha turma, 80

metros pra sua e 80 pra outra, os 25 homens tinha um que num trabalhava que butava lenha e pegava água que os carros pipa trazia água, eu mesmo fui tirado do serviço pra ir cavar um poço no pinga,[sitio] agua era difícil, ai cavemo esse poço mas não deu água ai depois tiraram eu de lá pra fazer uma estrada pro açude pos pipa pegar água no açude do finado Ciço Louro aqui nos cavalos, nas extrema do Ceara o açude tinha muita água nos fumos fazer essa estrada quando nos terminamos de fazer a estrada e que nos fumo pegar água no açude, a agua era o seguinte, não dava suficiente pro povo mais ou menos dava pra comer, em 5 em 5 turma tinha um tambor de ferro bem grande, vamo dizer uma carroça grande ai o caminhão vinha e enchia, ai ia buscar a da frente muitas vezes não tinha água pra cozinhar o feijão e vinha buscar nessa daqui.

MC: Onde vocês faziam o alistamento?

AF: Aqui. [cidade de Bonito de Santa Fé]

MC: Tinha o total de pessoas para participar?

AF: era o seguinte, as turmas era de 25 pessoas, se você chegasse e só tinha 17 faltava 3 ou quatro você entrava como feitor, mas depois chegava mais gente eles iam butando pra você que a sua tava desinteirada, por exemplo, so tinha se alistado com 18 homens tava faltando 5 ai eles colocavam no trecho pra trabalhar ai, quando chegava gente ia juntando pra completar as 25 pessoas

MC: O que o feitor fazia?

AF: o feitor era responsável pelas ferramentas, e pelo trabalho de fazer agente ia dizendo onde baixava meio metro, pra aterra 70 cm, onde cavava vamos dizer que o feitor era o mestre, os trabalhadores faziam o que o feitor mandava sabe,o feitor dizia vamos cavar aqui agente fazia uma banda, um pedaço, depois a outra banda, ai agente tirou uma estradinha por fora pos carros andar roçava arrancava os tocos pros carros ficar andando. Você era responsável pelas ferramentas e tinha que entender do serviço pegava o papel e ia fazer, vamo dizer daqui pro coreto ai tinha um buraco as vezes era uma boeira fazia um barranco deixava aqui e fazia do outro lado pra água passar serviço de alvenaria, quando não tinha era só aterro ou corte ia cortando aqui e aterrando aculá, tirando daqui e colocando no buraco na ladeira .O serviço do feitor era esse administrar e tinha as vezes eles entregava o papel e outras vezes eles passavam dizendo o que era pra fazer.

MC: A maioria dos bonitenses eram agricultores e nesse momento foram participar dos trabalhos emergenciais.

AF: Não houve legume não houve algodão ai os agricultores iam viver de que o governo mandou, esse trabalho a emergência era 8 horas por dia 7 a 11e de 1 as 5,horas quando era por volta de umas nove horas o apontador chegava e dizia fulano de tal pronto, quando era de tarde fazia um risco no operário, por exemplo, Joaquim pronto.

MC: Quer dizer que tinha o feitor que o senhor era um deles ?

AF: Eu era o feitor, tinha o apontador, lenheiro, Fiscal Assis Clarindo era fiscal ele olhava se o povo tava trabalhando ou não se tava na barraca.

MC: Como era essa barraca?

AF: Agente fazia uma latada grande que desse para caber todo mundo quem morava perto ia dormir em casa, aqueles que morava mais longe dormia lá mesmo passava os 15 dias lá.

MC: O senhor como fazia para ir para trecho?

AF: Morava nos Ferreira, o canto mais longe foi em Horebe ,mas em 70 eu fiquei aqui nos Pereiros, em 58 eu vinha era do Horebe.

MC: Quer dizer que em 58 tinha os trabalhos emergências como em 70?

AF: Mesmo jeito e teve de 81 até 83 e quando choveu acabou e pronto vamo trabalhar em 71 foi muito bom de inverno é tanto que em 70 agente trabalhava os 15 dias segunda ,terça ,quarta não tinha domingo, não tinha nada ai, recebia o dinheiro no trecho mesmo, ia pra casa passar 15 dias em casa pra brocar fazer o serviço da gente quando completava 15 dias voltava de novo.

MC: Como era o pagamento? O senhor lembra quanto o feitor ganhava?

AF: Era dinheiro não lembro mais, não vamos dizer o seguinte que saia uma base mais ou menos, por exemplo, agente hoje paga um dia de serviço ao operário 25 reais e da o café, vamo dizer que a diária lá saia 25 uma comparação esse valor mais ou menos agora só que agente ganhava o domingo e tinha uma também se você perdesse um dia perdia o domingo se você fiasse dois dias perdia dois domingos e que nos 15 dias tinha dois domingos, quando você recebia o pagamento vinha faltando o dinheiro de dois dias.Eu trabalhei os 15 dias completo vinha completo.

MC: As mulheres chegaram a trabalhar e qual era o papel delas nesses trabalhos?

AF: Do meio pro fim que a coisa começou a arrochar o nó, butaram as mulheres para trabalhar, as mulheres eram separadas dos homens elas iam com aqueles chapéuzão de palha só pra dizer ia limpar uns matinhos e fazer funaré pra lá.

MC: O almoço de vocês como era?

AF: Tinha uma barraqueira, agente cada um fazia sua trempe certo e butava sua panela, colocava o feijão e a barraqueira cuidava das panelas quando era na hora de butar o sal ela chamava que uns gostava com saigado, tinha um homem pra butar lenha e pegar água do tambor

MC: Elas ganhavam o mesmo tanto dos operários?

AF: Ganhava o mesmo tanto, agora o feitor ganhava mais e nem ia pro picarete mais tinha aquela responsabilidade de cuidar das ferramentas e fazer aquele serviço como era pra fazer, as vezes agente tinha um papel e deixava os torninhos numerados vamos dizer do torno 170 ao 190 baixar 30 cm e assim por diante, ai quando agente tirava a terra e arrumava ficava bem aprumadinho véi tirava a terra daqui do tanto que eles mandava era cavando e aterrando e ficava bem planinho foi assim que eu aprendi a fazer açude

MC: As crianças chegaram a trabalhar? Tinha uma idade para se alistar?

AF: Não, quem tinha a família grande eles distribuía leite, massa ,roupa era o governo Jonh Kennedy, esse que mataram nos Estados Unidos ajudou muito coisa, lá veio num sei quantas mil lata de óleo, num sei quantos mil saco de massa de farinha de trigo, ai quando agente recebia o pagamento, ai recebia óleo, massa do reino e um feijão branquinho, além do pagamento ai chegava lá recebia uma lata de 5 litros entregava pra 5 e agente lá dividia cada um homem 2 quilos de massa fazia a conta e lá repartia.

MC: Quem recebia esses alimentos era só quem trabalhava?

AF: Só quem trabalhava, mas já do meio por fim veio um leite lá pra Padre Linhares, até eu fiz uma brincadeira não foi nem em 70 foi em 58 tavam distribuindo umas caixas de leite que veio pra Padre Linhares distribuir, ai eu cheguei do Horebe eu tinha um bornar pra carregar minha roupa porque agente dormia lá, ai eu vinha com o bornar eu, cheguei ai na padaria do mestre Nino e comprei um bocado de pão, cheguei em frente da igreja tava cheio de gente recebendo leite fui lá e perguntei o que é isso ai? Era mais mulher e, pouco homem disse tão distribuindo leite aqui e eu com fome, já era umas 10h30min eu não vou receber não, mas eu vou inventar um negócio peguei o bornar e as pontas dos pães empurrando pra fora eu fui por ali assim e mulher e bicho besta e mole fui por ali devagarinho, eu a minha nossa senhora to vendo a hora um acidente, um desastre grande por aqui as mulheres, disseram oxente: o que foi Atenor? To levando umas bombas aqui pra soltar na reza de lá de casa vendo, a hora uma desgraceira mais só vou sair daqui com o leite ai disseram ajeita ai depressa logo traga o leite pra Atenor que ele ta com o bornar cheio de bomba, o leva essa caixa pra você e Dona Zefinha.

MC: O senhor poderia nos dizer quais foram às obras construídas pela emergência?

AF: Terminado mesmo só começava porque quando chegava a chuva pronto sai todo mundo acabou-se a emergência.

MC: Quais obras foram iniciadas em 70?

AF: A emergência de 70 Estradas, mas açude foi só na de 80 que não havia inverno, chamado seca verde, ninguém tirava legume foi dois anos sem parar ai era nos açudes primeiro eles butaram nas propriedades pra fazer cerca e fazer uma coisa e outra e depois para fazer barreiro de açude, e não foi mais estradas como em 58 e depois em 70

MC: Essa de 58 foi justamente a que o senhor falou que começou continuou em 70?

AF: em 58 a gente trabalhou, ai ficou quando foi em 70 voltou a mexer nela, as estradas não tinha máquina todo tempo de inverno o DER butava quatro turma pra fazer a estrada, não era porque não tinha inverno e porque não tinha inverno o prefeito num faz as estradas todo ano com a máquina e de primeiro era feita no braço a estrada de primeiro, se vinhesse dois carros tinha que parar, porque não dava pra passar.

MC: O senhor sabe nos dizer se alguém chegou a passar fome?

AF: Comigo trabalhava um senhor que a família dele era grande, trabalhava ele e um rapaz e o que eles ganhavam não dava, agente sabia que eles passavam necessidade e tudo era caro. O que comprava só dava pra cumer dois três dias, ai tinha que regar ele lá, mais nois muitas vezes fazia uma vaquinha pra ajudar seu Mané e cada um dava um jejum era come ele dizia aqui de qualquer forma tô escapando.

MC: Quer dizer que não foi fácil e o senhor chegou a passar fome?

AF: eu mesmo em 70 tirei legume que deu pra comer ,a minha roça era grande deu poquinho nas grotas e a família era pequena agora aconteceu uma em 58 eu cheguei do Horebe feijão caro, ai seu Severino Pires, inventaram uma tal de uma COAPE pra vender mais barato ai quando eu cheguei ele disse Tenor: chegou aqui um feijão e a metade do preço dos outros que agente comprava ai ele me deu um quilo pra fazer o teste em casa, cheguei disse Iraci,[esposa] bote esse feijão no fogo bom mesmo que peixe eu vou logo pra rua comprar uns 10 quilos.

MC: Ele vendia?

AF: Na COAPE era vendido,eu vim comprar esse feijão ,mas pra cozinhar a minha senhora só o fogo do purgatório

MC: Iraci colocava de manhã e esperava até a noite...

AF: cheguei de lá animado foi pra roça risadas mas era mais barato do que o feijão de corda, mais saia caro porque jogava no mato

MC: Era dinheiro jogado no lixo...

AF: Além de ser pouco, mas eu sou sincero a lhe dizer, emergência não é coisa boa não

MC: Essa história do feijão foi em 58 ou em 70?

AF: Foi em 70 a história de 58, é uma história triste nos no Horebe, em 58 o caminhão ia daqui butar agua e quando chegava lá ia colocar água na rua em 58 era o povo daqui ,Monte Horebe e São José de Piranhas o caimhão de São José de Piranhas era um caminhão novo um tanque e o daqui um caminhão velho e so vivia quebrado e quando amanhécia o dia o caminhão ia encher,pois é em 58 foi sofrimento, muitas vezes dormia sem janta porque não tinha agua e do jeito que tirava o dia não banhava nem os

pés um frio da moléstia e fome porque não tinha água e a que aparecia só dava pra beber, se cozinhasse agente ficava comendo farinha, lá em cima da serra tinha um olho d'água só caindo umas gotinhas, água cristalina as vezes quando agente jantava ou comia alguma coisa ia pra lá um monte de gente tinha que enfrentar fila só não podia levar um pingão bebia lá até não querer mais, tudo sentado na areia ai começava um mexer no outro, a bagunça era grande cada um levava sua cuinha ou seu copo.

MC: Em 58 não choveu de jeito nenhum?

AF: 58 foi mais seco do que 70

MC: Em 70 choveu?

AF: chovia esse ano pronto não houve legume, mas tinha um pastinho só que em 70 choveu menos que esse ano e 58 foi pior.

MC: As dificuldades de 70 foram bem maiores do que hoje?

AF: oxente era hoje tamo numa boa, o governo bate em cima não falta nada não, houve legume, um saco feijão tá baixando, era 300 reais já é 200 tem de tudo na feira.

MC: O senhor pode nos informar se os bonitenses chegaram a emigrar?

AF: Foi embora muita gente uns pra Alagoa e outros pra Bahia, uns voltaram e outros até hoje

MC: O senhor nos afirmou anteriormente que teve muitas pessoas de outras cidades vinham trabalhar aqui na emergência. Era porque nas outras cidades não tinha emergência?

AF: Não tinha emergência, Bonito foi privilegiado até Dr. Zé dizia não agradeça a mim mas a Deus, porque um prefeito com mil e quinhentos votos que prestígio tem porque eu pedi e implorei e eles viram que não tinha esse pedaço de estrada de Bonito –São José de Piranhas e trouxe a emergência. Frei Damião tava aqui quando começou e aja chegar gente, não tinha água e lá nos Ferreira tinha uma barragem que tinha um pouco de água e só era levando o povo e encostando os caminhão e Frei Damião foi fazer um sermão lá, quando chegou tinha muita gente. Os comércios era fechado os comerciantes com medo de ser atacado

MC: O senhor sabe nos dizer se houve saque no comércio?

AF: Houve teve feira que o pau avuou foi um funaré, carregavam farinha mas teve muita gente que se aproveitou levou intê tecido, calçado. Deusimar mesmo todo mundo teve pena dele tentou fechar, mas não conseguiu eu não sei quem trabalhava com Deusimar tacou um punhado de cimento na cara do caba que ia cegando.

MC: As autoridades locais o que fizeram?

AF: Quem pode com o povo um dois soldadinho resolve 300 homens besteira em 70 foi bom ainda mais depois o governo mandavam umas feiras ai foi já em 80 caminhão de arroz com casca, feijão ai recebia aquela feirinha aconteceu até uma engraçada...

MC: Na opinião do senhor a emergência ajudou?

AF: ave Maria se não fosse a megência o como era que fazia o que cumer não tinha os mais carentes inverno não houve serviço, quem era que tinha dinheiro, quem era o proprietário e mesmo que tivesse ia fazer o que ? a solução era a megência, a felicidade foi essa megência teve três vezes em 58, 70 e 80

MC: Como era feito o abastecimento de água em 1970?

AF: como era agua vinha do Zé Francisco, carro pipa, ai fizeram um tanque ali perto da igreja ai as mulheres chegavam lá de madrugada ficava ali essa Neuzide minha mesmo trocou muito tabefe pegou uma briga com cumadre joaninha e hoje ela e madrinha dela, Neuzide [filha] era fogo, teve uma vez que encheu um tambor de 20 litros enquanto você pudesse podia pegar o negocio é que as outras não deixava

MC: Tinha água todo dia?

AF: Tinha, só que não dava pra tudo lavar tomar banho.

MC: E o povo do sitio?

AF:O povo do sitio ia pegar nos açude lá em Antonio Pereira no Major Sales e outros cantos que tinha olho d'agua ia buscar no animal, não tinha esses açudes grandes que tem hoje, como o do Pau D'arco,Piedade,Bartolomeu ,Pereiros,Cachoeira não tinha de jeito nenhum

MC: O senhor lembra quando foi encanada a água? Se foi na década de 1970 e qual o ano?

AF: Foi na década de 70 que foi Dr.Zé que encanou parece que em 72

MC: Quando o senhor fala da seca de 1970 nessa década o ano que foi seco só foi em 70?

AF: Veio haver tempo ruim mesmo na década de 80 foi seco mesmo no ano de 1970, já em 71 veio pra matar a fome do povo deu legume até dentro do mato quem limpou tirou e quem não limpou tirou por riba dos matos deu pra se lascar foi uma fartura grande

MC: O senhor poderia nos falar mais um pouco sobre a cidade de Bonito já tinha energia elétrica ,banco ,cadeia no ano de 70?

AF: Cadeia, eu cheguei aqui em 49 dezembro já tinha a cadeia lá em cima onde é o banco, hoje só tinha essa rua daqui pro comércio todas essas ruas ai Mãe Bilina la pelo cemitério tudo e de agora lá na Mãe Bilina Chamava rua das baraúnas tinha uma

baraúna bem grande onde hoje é o consultório de Dr.Cristina não tinha calçamento, essas praças não tinha nada .

MC: O senhor lembra quando chegou o Banco do Brasil em Bonito?

AF: Não sei o ano ,mas foi depois de 70 nem energia não sei o ano a primeira agua que foi encanada daqui Dr.Zé arrumou, a Cagepa furou um poço lá na ponta da rua no baixio deu agua mas você banhava o cabelo ficava espetado quando passava o sabonete e colocava a água em vez de tirar o sabonete criava uma massa no cabelo era sal era tão grande que cozinhava o feijão que ficava preto

MC: Então não dava pra cozinhar?

AF: não, foi perdido a agua ai depois quando aumentou o açude do Zé Francisco ai mudaram pra lá e pronto quando foi depois lá vai precisava racionar a água porque o açude secava quando era de dezembro pra janeiro cadê agua ai depois mudou pro Bartolomeu

MC: Quando mudou para o Bartolomeu já foi em 80?

AF: Foi o açude foi feito em 85

MC: O senhor poderia fazer uma comparação da seca de 1970 com as ultimas secas ?

AF: Hoje ninguém da nem fé das secas

MC: O senhor acredita que hoje o governo ajuda mais ?

AF: Não era como de primeiro que agente só pagava imposto e não tinha direito a nada não. Hoje se tem direito a tudo e por que os cabas ainda rouba, o governo quem é que compara você pra criar sua família, não tinha uma ajuda de um comprimido, doutor não tinha nada era a Deus dará, os doutor que tinha aqui era Moacir e Bosquinho dois farmacêutico, Seu Dia o pai de Sabino[ex-prefeito], se você tivesse como comprar tudo bem se não morria amingua, não tinha onde buscar não tinha doutor, não tinha Hospital, não tinha carro nem telefone, o que tinha era um fio que butaram daqui pra São José de Piranhas e outro pra Conceição, um arame grosso esses telefone eu faço até um telefone pasta um cordão e uma caixa de fosforo tira a tampinha da caixa de fosforo ai você vai lá pro meio da rua, estica o cordão bem esticadinho e conversa do bom ai um fala e outro escuta e fica aquela vizinha lá.

MC: A energia em 70 já era elétrica?

AF: Eu não to bem lembrado, eu sei que a energia tudo foi no tempo de Dr.Zé e quem se inscreveu nesse negócio foi Aduino e ficou pagando e no governo de Dr.Zé chegou mais forte, passou 18 sem energia aqui, era de motor até nove horas, mas era em quatro casas e quando tinha uma festa como a de Santo Antônio[padroeiro] ai ficava até doze horas da noite e na noite da mocidade que era a ultima noite tirava a noite toda e assim

foi quando Dr Duquinha foi o prefeito ele butou um motor muito bom que iluminava tudo de achar uma agulha.

MC: Quem era Dr.Duquinha?

AF: Dr.José Dias de França que chamava Duquinha ele veio do Rio de Janeiro

MC: Tinha Hospital?

AF: Não tinha nada depois foi que fizeram a maternidade e funcionou que era uma beleza médico bom.

MC: o médico vinha para aqui ou vocês tinha ir para outras cidades?

AF: Não o doutor vinha já depois do tempo de Dr.Zé e pra trás não ia pra canto nenhum em São José de Piranhas também não tinha doutor o de lá era Romeu o farmacêutico e o daqui era Moacir.

MC: O senhor lembra se houve alguma epidemia na seca de 1970?

AF: Não houve porque era vacinado todo pessoal o povo daqui mesmo vacinava, quando agente ia entrar no serviço com uma turma logo no começo, quando o povo começou a chegar quis da uma epidemia de febre, mas ai começou logo a vacinar era como quem ia pra guerra você arrumava sua turma pra ir pro trecho assinava os papel e vacinava logo, olha o tamanho do aparelho era como aqueles de vacinar gado.

MC: Usavam a mesma seringa?

AF: Só mas As agulhas eram trocadas colocava duas vasilhas fervendo tirava uma e jogava lá a outra .

MC: O senhor sabe dizer se morreu alguém por causa dessa febre?

AF: Só Criança

MC: O senhor atribui só à doença ou também a questão da seca?

AF: Era o seguinte a fome no meu ver tem tudo pra adoecer o organismo fraco se você tiver gripado e seu organismo tiver mais fraco do que o meu não pega em mim não quer dizer e que nem gado magro e gado doente agente que cria sabe.

3. Francisco Fernandes de Sousa (FF)

Entrevista realizada pela autora às 17:00 horas da tarde, na residência do depoente, em Bonito de Santa Fé, no dia 05 de julho de 2012.

M: Como é o nome do senhor?

FF: Francisco Fernandes de Sousa.

M: Quando e onde o senhor nasceu?

FF: Nasci em Cajazeiras, mas me criei aqui [Bonito de Santa Fé]

M: Na década de 1970 o senhor morava aqui na cidade de Bonito de Santa Fé?

FF: Na Rua Andreino Timóteo.

M: O senhor lembra se houve seca na década de 1970 ?

FF: Era ruim de chuva, mas o governo mandava as massas do reino [trigo] pra aqui e sobrava e agente vendia, eu tinha uma venda na Rua Andreino Timóteo e furnicia uma turma e lá em casa era pertinho de onde eu vendia e a mulher [esposa dele] pegava e dava o muro pra mulher fazer comida e o povo era arranchado ali encostado a Damião Chave, tinha uma barragem, mas furnicia na minha venda lá em Antonio Lucena, no velho lá da mata limpa ai fornecia e no dia da paga recebia comprava de novo e vendia

MC: Quem mandava?

FF: O governo mandava massa do reino.

MC: Vinha todo mês?

FF: Era durante o tempo que tava a emergência eles mandava pra cá

M: Na década de 70, choveu em algum momento?

FF: Chuva passageira, mas Frei Damião tava aqui ai melhorou

M: A maioria das pessoas trabalhava na agricultura?

FF: Era na estrada porque daqui [Bonito de Santa Fé] pra lá não tinha essa estrada, era carroçal ali nos tianos, Cachoeira dos Indios, morando pelos arredor ai vinha gente de Cajazeiras, Cachoeiras dos Indios ainda hoje tem gente de lá morando aqui.

MC: O senhor era agricultor ou comerciante?

FF: Todo tempo foi agricultor, mas tinha uma vendazinha um boteco

MC: O senhor plantou legumes nesse momento?

FF: Plantei, mas não deu nada não eu plantava na terra de Dr. Netinho, mas não deu nada não, perdeu-se.

MC: O senhor tem conhecimento, se alguém chegou a passar fome por conta da seca?

FF: Nesse tempo foi bom, Frei Damião tava aqui e o governo mandava massa do reino[trigo].

MC: Houve saque no comércio?

FF: Não em 70...

MC: Os animais chegaram a morrer por causa da seca?

FF: Em 70... não

MC: O senhor participou ou ouviu falar na emergência?

FF: Eu tinha a vendazinha ,mas tinha dois menino que trabalhava e me dava a metade do dinheiro.

MC: O senhor sabe nos dizer quanto eles ganhavam?

FF: Não me lembro.

MC: Quantas horas trabalhavam?

FF: Era o dia todo.

MC: O senhor sabe nos dizer se tinha que fazer contrato?

FF :Fazia alistamento, ai quando era no tempo que vinha aquelas foia [folhas de papel], eles davam a foia e eles vendiam aqueles que era bem de vida.

MC: Então o pagamento não era em dinheiro?

FF: Não vinha as foia [folhas de papel] pra trocar por dinheiro, já ao comprador das foias agente pegava o dinheiro e comprava o fornecimento como bem feijão, Farinha e fornecia, eu tinha vendinha e furnicia.

MC: O senhor sabe nos dizer quantas pessoas trabalhavam?

FF: Não, que era espalhado daqui pra mata limpa tinha gente nessa estrada que vai pra Cajazeiras ali pelos tianos trabalhava por ali Antonio Lucena furnicia

MC: Antonio Lucena era comerciante

FF: Era vendedor ambulante.

MC: As mulheres trabalhavam na construção de estradas?

FF: As mulheres caçavam lenham.

MC: Quer dizer que eles recebiam as folhas pra trocar por alimentos?

FF: Trocava por dinheiro, comprava as folhas e recebiam o dinheiro, quem tinha mais condições comprava muita foia como Zé Moreira, outros trocavam em legumes ai eles vendiam as foia para os compradores.

MC: Além dessas folhas de pagamento vinha mais alguma coisa?

FF: Vinha óleo, massa do reino [trigo]o governo mandava fora as foia [folhas de papel]

MC: Para receber os alimentos tinha que trabalhar na emergência?

FF: O alimento vinha eles entregavam o feitor e eles distribuíaam era pra quem trabalhava.

MC: O senhor lembra quem era o prefeito da época?

FF: Zé Amorim.

MC: Quem estava à frente da emergência que fazia o pagamento?

FF: Era o feitor.

MC: Quem era o feitor?

FF: Era pra tomar conta daquela turma, cada um tinha uma turma daqui pra Cajazeiras, daqui pra mata limpa passando ali no Campo Alegre ajeitando a estrada

MC: A estrada e essa que liga Bonito a Cajazeiras?

FF: Ajeitando, tapando os buracos, não eram asfaltados.

MC: O senhor sabe dizer se o feitor ganhava mais do que os outros trabalhadores?

FF: Ganhava mais um pouquinho

MC: Os feitores eram daqui mesmo?

FF: Daqui mesmo, tinha da mata limpa Elias dos Santos

MC: O senhor poderia nos dizer quais foram as obras construídas pela emergência?

FF: Estrada.

MC: Na sua opinião esses trabalhos emergências trouxe benfeitorias pra população?

FF: Ajudou recebia a massa do reino [trigo], feijão e distribuía para os trabalhadores

MC: Os açudes chegaram a secar?

FF: Não ,porque tinha os açudes dos Agostinhos

MC: Nesse momento como era feito o abastecimento de água da cidade?

FF: Não, tinha água encanada carregava nos jumentos com quatro latas e as vezes vinhas o carro –pipa, mas não era direto par lá tinha o açude de D.Emilia, que pegava água pra beber, tinha a barragem mas água não prestava pra beber .

MC: Como era Bonito de Santa Fé na década de1970?

FF :Tinha mercado quem tinha dinheiro comprava na bodega quem não tinha se fornecia pra pagar no dia da paga. Não tinha banco

MC:O senhor lembra se tinha energia elétrica?

FF: Não tinha energia elétrica não tinha um motor mais a energia era farquinha.

MC: Na opinião do senhor os trabalhos emergências contribuíram? Quais foram benfeitorias que os trabalhos emergência trouxeram para a população?

AP: O governo ajudou naquele tempo, foi pouco mais serviu muito.

4. Maria Izaira da Silva (MI)

Entrevista realizada pela autora as 15: 00 hora da tarde, na residência da depoente, em Bonito de Santa Fé, no dia 21 de junho de 2012.

M C: Qual é o seu nome?

M I: Maria Izaira da Silva.

MC: Na década de 1970 a senhora morava na cidade de Bonito de Santa Fé?

MI: Morava na cidade de Bonito de Santa Fé, na Rua Amorim Zinet

MC: Nesta década a senhora lembra-se de alguma seca ou se houve seca? E como foi?

MI: Houve seca e foi terrível porque geralmente quem mais sofre é a pobreza a gente éramos pobres eu era recém-casada e meu marido não conseguiu emergência que foi o que veio, ele tinha uns animais que carregava lenha pra vender na cidade e não conseguiu vagas na emergência que veio emergência, os trabalhadores iam trabalhavam e recebiam umas feiras na época chamava boboca, um arroz parecia nem sei com quer, um óleo Jesus do céu **misericórdia**, até hoje tenho repugnância de óleo, uma farinha de trigo era isso, dava né pra pobreza, horrível essas coisas agente comia porque era obrigado e um feijão preto que passava três dias no fogo e não cozinhava.

MC: Então, seu marido não teve a oportunidade de participar desses trabalhos emergenciais para conseguir esse feijão?

MI: Conseguia porque isso ai vinha pra todos ,

MC: Era independente de trabalho?

MI: Independente do trabalho essas coisas vinha,

MC: Quem trabalhava nessa emergência vinham mais coisas ou ganhava dinheiro?

MI: Isso não sei informar, porque eu não trabalhei (...) ou trabalhei não lembro

MC: Essas coisas era o governo que dava?

MI: Era o governo que dava

MC: Qual era assim a principal atividade econômica que as pessoas mais trabalhavam nessa época?

MI: Tudo agricultura.

MC: Nesse tempo as pessoas não conseguiram tirar legumes?

MI: Não, teve chuva nem pra molhar o terreno, não a terra não foi aquela seca verde, foi seca mesmo.

MC: Quer dizer que não teve chuva?

MI: Não teve chuva, maior sacrifício com os animais, maior dificuldade para os animais.

MC: A senhora assim sabe ou ouvir falar então sabe ou passou por situação de questão de fome de ver que por conta dessa falta de chuva pessoas que foram atingidas a ponto de passar fome?

MI: Eu passei, nessa eu passei, tava até grávida do meu primeiro filho por sinal deus levo, só durou 24 dias, eu passei porque eu não aguentava mais comer aquela comida [choro].

Mc: Pode ficar a vontade...

MI: A gente se emociona até hoje.

MC: Era seu primeiro filho?

MI: Era meu primeiro filho, que papai do céu levou com 24 dias, outro sofrimento maior que a seca.

Mc: É a vida?

MI: Assim faz parte da vida né, agente passa por diversas coisas ,por sinal passei outra seca muito difícil, foi uma de 58, que foi seca mesmo, eu tenho uma vaga lembrança dessa seca, mas eu lembra que agente comia farinha com rapadura por almoço e por janta era seca também.

MC: Os animais também foram prejudicados?

MI: Com certeza os animais também foram prejudicados, ficaram tão magrinhos que fazia dó, mas graças a Deus já passou

MC: Como a senhora disse foi uma seca sem chuvas.

MI: Eu já alcancei seca verde, mas essas duas de 70 foi seca mesmo.

MC: A senhora poderia nos dizer como era feito o pagamento dos trabalhadores em emergências?

MI: Eu não sei Laise .

MC: A senhora lembra de alguma construção feita naquela época aqui na cidade?

MI: Eu acredito que teve um açude, não sei, o açude dos Pereiros(...) mas teve açudes

MC: Tinha abastecimento de água?

MI: Tinha com o carro pipa, que agente se levantava 2 horas da manhã pra enfrentar uma fila do tamanho do mundo pra trazer água pra casa.

MC: Essa água vinha de qual açude? A senhora lembra?

MI: Não sei de que açude vinha ,só sei que agente via os tanques cheio de ferruge dentro dos carros e agente todo mundo, correndo uma fila enorme.

MC: Não tinha água encanada?

MI: Não tinha água encanada, e não tinha água de jeito nenhum os açudes, secaram tudo, a prefeitura trazia ou era o governo não sei (...) não sei quais do governo mandava essa água nos carros pipas, era uma luta.

MC: Nesse momento a senhora lembra assim quais e como eram realizada as festas mais importantes da cidade?

MI: Não tinha e não houve festa, não tinha como a situação, era muito difícil a situação financeira pra todo mundo e quem tinha, ficava medo de quem não tinha, porque teve muitas evasões [nos comércios], inclusive Deusimar [comerciante] sofreu muitas evasões no Armazém dele, acredito eu não tenho bem certeza se foi em 70 (...) mas eu tenho lembrança agora, não sei se foi em 70, mas que teve muitas evasões inclusive em Deusimar, mesmo no comércio as pessoas evadiam mesmo carregavam ,farinha, feijão ,rapadura, o que tivesse saiam carregando, levando e levavam mesmo família com fome era fome de verdade, não era brincadeira de faz de conta, a coisa era seria mesmo.

MC: Na opinião da senhora os trabalhos emergenciais trouxeram benfeitorias para a população?

MI: Ajudou muito abaixo de deus, foi essa emergência a sorte das pessoas, se não fosse à emergência nossa senhora, acho que não sei o que seria não, a cidade tinha ficado deserta.

MC: As crianças também sofriam muito?

MI: Com certeza as crianças sofriam muito mais, ainda porque era criança, não entendia, eu não tinha criança a que eu tive como já falei papai do céu levou.

MC:A senhora lembra se já tinha Mercado na cidade?

MI: Já tinha mercado em Bonito.

MC: A senhora poderia fazer uma comparação da seca de 1970 com as ultimas secas?

MI: Hoje agente vive meu deus do céu, agente vive no céu, comparando-se com esse tempo essa época passada. Mesmo assim, certeza eu não tenho, mas eu acredito que tem pessoas passando precisão, mas não igual aquele tempo, hoje chega em uma paróquia, em uma prefeitura, já chega em você ou em outra pessoa que tem um ordenado e consegue levar alguma coisa sempre porque aqui as pessoas são solidárias nesse sentido de ajudar umas as outras, então eu acredito que não tem fome igual aquela seca não e tem não igual as outras que agente passou que eu passei.

MC: A modernidade os meios de transporte ajuda que antes não tinha?

MI: Demais ajudam muito.

MC:O acesso a telefone a internet ?

MI: Hoje tem as pessoas aposentadas na maioria tem dois salários mesmo que tenha 4,5,6 filhos e netos 10, 8 ,mas tem alguma coisa, naquele tempo não tinha, só quem fosse funcionário de prefeitura ou de Estado e mais nada, eu não lembra de alguém com algum salário.

MC: A senhora nesse momento cuidava de casa era domestica?

MI: Era doméstica, cuidava de casa não tinha nada, não tinha emprego nenhum meu trabalho veio sair em 1973, quando eu já tinha meu segundo filho uma benção que deus me deu, mas eu não tinha emprego de nada, por isso passei a necessidade que te falei no começo, eu não tinha salário de nada e meu marido era agricultor.

5. Maria Neuza Pereira (NP)

Entrevista realizada pela autora as 09h00min horas da manhã, na residência da depoente, em Bonito de Santa Fé, no dia 06 de julho de 2012.

MC: Qual é o nome da senhora?

MP: Maria Neuza Pereira

MC: Quando e onde a senhora nasceu?

MP: No Barro Ceará morou de quando nasci até quando me mudei para Paraíba, cinco anos, porque minha mãe cearense e o e meu pai paraibano então, quando meu vó morreu meu pai tomou uma decisão de morar na terra dele na Paraíba, que ele era proprietário e minha mãe combinou e nos vinhamos morar na Paraíba.

MC: Na década de 1970 a senhora já morava na cidade de Bonito de Santa Fé?

MP: Morava não na cidade, mas no sítio Pau d'arco, depois passei a morar nas Piranhas vizinho ao sítio Pau-d'arco.

MC: A senhora lembra se nesse momento houve seca?

MP: Houve mais de uma seca, mas a que eu lembro mais, e que me marcou mais foi a de 1970, houve pouca chuva, não houve chuva que desse pra criar legume milho feijão e pasto que foi muito pouco entanto morreu criação e gado de fome por causa da pastagem, em termos de água no setor que eu morava muito difícil, açude distante tanto de água tanto pra água potável, como água pra criação.

MC: Qual a principal atividade econômica?

MP: agricultura

MC: O marido da senhora trabalhava e em que?

MP: Era agricultor e tropeiro transportando cereais ou qualquer outro tipo de carregamento em costa de burro, porque estrada de rodagem era difícil.

MC: O seu marido plantou alguma coisa e se obteve resultado?

MP: Plantou, mas não obteve resultado porque as chuvas que caíram foram finas e, além de ser chuva fina espaçosa plantava não nascia e o que aconteceu de nascer nas terras mais baixas não criou por falta de chuva.

MC: A senhora tem conhecimento de alguém que passou fome na seca de 1970?

MP: Dias de fome não mais passou muita necessidade de alimentação porque em vez da pessoa ter duas refeições tinha uma e outros tinha duas, aqueles que tinha melhores condições de vida que armazenavam digamos assim, encilava do ano passado e desse pra tirar um tempo com os cereais encilados, nessa época, abriram os cilos e passaram a vender.

MC: A senhora sabe nos dizer, se houve saque no comércio por fome?

MP: Em 70 não lembro, sei que as pessoas trabalharam na estrada e ganhavam um dinheirinho para ir sobrevivendo

MC: Os animais foram atingidos com essa seca?

MP: a fome foi enfraquecendo e morreu, além da fome que eles passaram precisava andar muito pra, encontrar um açude que tivesse agua e de maior porte que armazenasse agua pra um ano ou mais.

MC: A senhora participou ou ouviu falar dos trabalhos emergenciais?

MP: O meu esposo e o meu filho mais velho eles foram alistados e trabalharam

MC: O senhor poderia nos falar sobre as obras emergências contra a seca. O que foi construído? Como as pessoas participaram?

MP: Eles trabalhavam o dia todo, aqueles que moravam longe do trabalho procuravam lugar pra se arrancar digamos assim, um proprietário naquele setor que eles estavam trabalhando tivesse uma casa que desse pra acolher aquela turma, eles oferecia e o pessoal dormia e se aglomerava naquele espaço

MC: Quer dizer que tinha pessoas de outras cidades trabalhando na emergência daqui?

MP: Cada cidade fazia o alistamento em seu município, mas veja do sitio Piranhas [Município de Bonito de Santa Fé] para Monte Horebe [cidade vizinha] quantos quilômetros não dava pra ir e voltar no mesmo dia, depois com o tempo foi que apareceu transporte para pegar esse povo no trecho onde estavam trabalhando pra vim pra cidade Bonito, mas para o sitio não ninguém dormia em suas casas, porque de Bonito as Piranhas são 10 quilômetros de Monte Horebe eu nem sei avaliar

MC: A senhora sabe nos dizer se as mulheres participaram desses trabalhos?

MP: Barraqueira no trecho onde os homens estavam trabalhando na distância de dois quilômetros ou mais, tinha a barraqueira era quem fazia a comida para aquela turma, então, se dava o nome daquele povo que trabalhava de caçaco até um nome estranho.

MC: Quem estava a frente desses trabalhos?

MP: Tinha um fiscal, feitor e um apontador pra cada turma

MC: Qual o papel do feitor ?

MP: O feitor recebia do apontador a quantidade de pessoas pra fazer a conta e quando fosse pra vim aquele dinheiro, já sabia quanto ia pagar em cada turma

MC: A senhora sabe nos dizer quanto o feitor ganhava?

MP: Não lembro

MC: E os trabalhadores?

MP: Era por quinzena pra favorecer a alimentação de cada pai de família

MC: O pagamento era em dinheiro?

MP: Era em dinheiro vivo

MC :A senhora lembra se recebiam algum tipo de alimentação como pagamento?

MP: o governo mandou uma vez através de quem não sei, um feijão, mais esse feijão era tão velho preto que naquela época não tinha panela de pressão, mas na panela de barro passava de manha até tarde cozinhando no fogo, mas não cozinhava pra amolecer o caroço, tinha gente mais de idade que só tomava o caldo do feijão com farinha, assim como faz um pirão de carne, eles fazia do caldo do feijão com farinha

MC: Quais foram as construções realizadas através da emergência?

MP: Começou na construção da estrada do Município de Bonito até, Monte Horebe

MC: O Município de Bonito realizava o pagamento?

MP: o pessoal de Bonito, recebia de bonito a de Monte Horebe recebia lá

MC: A senhora lembra qual era o prefeito da época?

MP: Me fugiu da mente não sei informar

MC: A senhora sabe nos informar quantos trabalhadores tinham em cada turma? Todas as pessoas podiam se alistar?

MP: Todos os pais de família que tinha de 8 a10 filhos, tinha direito a dois da casa ,por exemplo:eu tenho 8 filhos e quatro de mais só podia se alistar dois.

MC: Quem faltasse ficava sem receber o pagamento?

MP: Se faltasse sem justificativa não era apontado,eles fazia a chamada se estivesse colocava o ponto e se não tivesse levava falta

MC: Na opinião da senhora os trabalhos emergenciais trouxe benfeitorias para a população?

MP: Ajudou de mais, porque se não houvesse esses trabalhos tinha morrido gente de fome

MC: **A senhora acha que o governo na época deveria ter contribuído mais para diminuir o sofrimento?**

MP: Se o governo tivesse ajudado mais tinha amenizado o prejuízo, mas como só veio essa ajuda pra trabalhar braçalmente nas estradas pra melhorar a situação, pois onde não tem estrada, não tem comércio, então ,eu acho que foi alguma coisa

MC: **Nesse momento, como era feito o abastecimento de água da cidade?**

MP: Já existia era carro-pipa

MC: **A senhora lembra qual açude vinha essa água?**

MP: Não estou lembrada, mas me marcou muito era que o pipa começava fornecer a água de 1 da manhã ha duas ,porque essa agua vinha de muito distante quem tivesse mais agilidade e saúde, aproveitava melhor a quantidade de água para passar o dia e quem fosse mais idoso, ficava pedindo um pouquinho de água nas casas vizinhas.

MC: **A senhora sabe me dizer como era a cidade de Bonito na década de 1970 tinha Agência de Banco?**

MP: Não tinha banco mais tinha festa digamos assim ,a festa de Santo Antônio uma tradição de muitos anos e sempre o pessoal do sitio vinha e participava das festas.

MC: **A seca não atrapalhou as festas?**

MP: Assim não teve a quantidade de gente que tinhas nos outros anos atrapalhou um pouco o pessoal que veio pra festa de santo Antônio, foi menos tinha pessoa que precisava de um calçado ,uma roupa nova, não puderam comprar o que tinha de fazer despesas com aquele calçado, já fazia com a comida se não ia faltar.

MC: **A senhora poderia fazer uma comparação da seca da década de 70 com as ultimas secas ocorridas na cidade apresentando, as semelhanças e diferenças:**

MP: teve porque o pessoal já tinha o conhecimento e começaram a fazer saque e o governo mandava carrada de cereais digamos assim: cereais feijão, arroz que saciava a nicissidade daqueles que vinha saquear. A seca de 1970 foi muito pior porque o governo não contibuaia com nenhum recurso para o trabalhador braçal o agricultor .Hoje ajuda mais em termos de educação temos transporte, material escolar , merenda de primeiro mundo assim pudemos falar nas secas que houveram não tinha nada disso, tinha era muito analfabeto porque não tinha condições de estudar .

MC: **A senhora lembra se tinha iluminação elétrica na cidade?**

MP: Tinha um motor que funcionava até 10 horas da noite

MC: Onde ficava o motor ?

MP: ficava nessa rua proximo onde era a casa de Dr. Joaquim Amorim Zinet nessa Rua Batista Leite, Rua do coreto, a cidade era pequena e todos tinham acesso porque a população era pouco.

MC: Quem era o padre da época?

MP: Padre Francisco Linhares Taváres

MC: A senhora lembra se foi feito algum movimento por causa da seca?

MP: Houve uma caminhada de Nossa Senhora das Dores de Cajazeira, passando de São José de Piranhas até Bonito pedindo chuva pra melhorar a situação do povo sofrido.

6. Severino Pires das Neves (SP)

Entrevista realizada pela autora as 17: 00 horas da tarde , na residência do depoente ,em Bonito de Santa Fé, no dia 14 de julho de 2012.

MC: Gostaria de saber o nome do senhor?

SP: Severino Pires das Neves

MC: Na década de 1970 o senhor morava na cidade de Bonito de Santa Fé?

SP: exatamente

MC: Nesta época qual profissão o senhor exercia?

SP: Na década de 70, eu estava trabalhando no físico da Paraíba desde 68.

MC: O senhor poderia nos falar se houve seca na década de 70? Quais os anos?

SP: No ano de 1970 foi o ano mais seco, teve uma seca em 58, mas a de 70 foi bem mais seco, a lavoura perdeu tudo e teve emergência através do governo federal.

MC: Qual era a principal atividade econômica dos bonitenses?

SP: A maioria era agricultor.

MC: Nessa década quais foram os anos que houveram seca?

SP: Foi em 1970.

MC: O senhor tem conhecimento se alguém chegou a passar fome por causa da seca?

SP: Houve sem nenhuma dúvida, muitas famílias pobres passaram necessidade porque perderam toda a lavoura, quem não tinha emprego, não tinha renda .Não há duvida que houve fome não só em Bonito ,mas na maioria das cidades do interior houve fome e calamidade. O governo trouxe a emergência, mas passaram fome.

MC: O senhor poderia nos falar quais foram as obras realizadas através dos trabalhos emergências?

SP: As obras que foram realizadas aqui em Bonito, não houve muitas só pequenos açudes, porque os maiores foram feitos depois de 70, como seja Bartolomeu ,Pau Darco,Pereiros,Paraguai que foram construídos pelo governo federal e o governo do Estado. O açude do Bartolomeu foi feito em 85,mas em 70 mesmo não teve grandes obras nem do governo federal e nem do Estado, só um paliativo, a emergência funcionava parada nas estradas e o pessoal barraca armada,mas sem fazer nada, não

exercia nem um trabalho, era só acampado e parado ficavam a semana toda e no final da semana recebia autorização para ir pra casa. A emergência era paralisada e o pessoal recebia aquele salário

MC: O senhor lembra quanto os trabalhadores ganhavam?

SP: não lembro mais era menos do que um salário mínimo

MC: As mulheres participavam?

SP: Participavam.

MC: Os trabalhadores ficavam a semana toda acampados nas barracas?

SP: Quem morava mais perto da cidade ia e voltava pra casa, aqueles mais distantes ficavam a semana toda em barraca de lona acampado no final de semana iam para casa. Recebiam o pagamento através de folha de papel, o feitor negociava com os compradores de folha .

MC: Quer dizer que o pagamento não era em dinheiro, mas em folhas?

SP: Eles[operários] recebiam as folhas e trocava nos escritórios, mais os compradores das folhas trocava por moedas e ali[comércio] fazia o pagamento, depois aqueles que compravam as folhas no escritório do governo ,bancos e trocava lá[nos escritórios].Os compradores de folhas compravam a folha e tinha um desconto, uma taxa como se fosse um juro que dava interesse a eles e quem perdia e sofria era o operário, já o salário era reduzido, ai pra vender as coisas e vender as folhas e receber semanal ficava menor o salário.

MC: O senhor falou no feitor qual era a função dele?

SP: quem administrava escolhia uma pessoa para ser o feitor da turma, era só pra receber o pagamento e distribuir os operários era 20 a 25 ,eles escolhiam o feitor aquele mais capacitado e responsável para receber o pagamento e entregar os operários e responder por ele na hora que for chamado para qualquer serviço na estrada onde funcionava a emergência. Então, o feitor levava sua turma as vezes dava uma pequena tarefa a cada um só um entretimento

MC: Então eles ficavam sempre disponíveis?

SP:A emergência no sertão nunca funcionava era um paliativo pela, quantidade de pessoas que era muita gente, se fosse para cada um desenvolver uma tarefa não dava pra cada, o próprio encarregado das autoridades que administravam a emergência dos escritórios DNOCS [Departamento Nacional de Obras Contra as Secas] mandavam técnica de trabalhos para eles. Então funcionava dessa maneira precariamente, pagamento salario baixo também não fazia quase nada.

MC: Essa estrada que liga Bonito a Cajazeiras foi construída através dos trabalhos emergências?

SP: De maneira nenhuma, nem um metro desta estrada nem roça eles roçavam, foi feita pelo governo do estado.

MC: Quantas pessoas trabalhavam na realização destas obras?

SP: Era muita gente se cada operário fizesse um esforço representava muita coisa porque era muita gente

MC: Toda população poderia participar dos serviços emergenciais?

SP: Era identificar aqueles que não tinham renda e não era funcionário do Estado ou Município, muito menos da União não poderia ter comércio. Tinha uma pessoa ou outra que tinha um comércio que se infiltrava mais recebia muito aborrecimento Assim tinha que constatar as pessoas pobres. A exigência era grande do governo para se alistar, tivesse qualquer fonte de renda ou salário não se alistava era só para os pobres como mulher pobre viúva.

MC: Houve saque no comércio?

SP: Não nessa época em 70 eu estava no físico e no comércio quando eles se reunião e agente percebia a intenção do povo para saquear o comercio as autoridades tomava a frente e dava qualquer ajuda, como cereais para distribuir gratuitamente para as famílias maior, que o salário que recebia da emergência não dava pra sustentar a família então, aqueles de família mais acrescentada então o prefeito ,os funcionários os comerciantes e eu mesmo participava a gente fazia uma cota para ajudar aquelas famílias que não tinha condições de sobreviver com o que ganhava da emergência.

MC: Na opinião do senhor quais foram às benfeitorias que esses trabalhos trouxeram para a população?

SP: Como eu acabei de dizer o poder publico procurava dá apoio, mas assim eles construíam pequenos açudes, estradas no Município, dava paliativo para ajudar a pobreza, mas não houve obras de destaques que marcasse foram pequenas obras, mas de 82 pra cá apareceu obras maiores como o açude do Bartolomeu em 85 que já foi no governo de Wilson Braga vários açudes aqui em Bonito foram feitos através do governo federal, assim os prefeitos do Município, através do Estado e convênio com o federal conseguiam essas obras.

MC: O senhor poderia nos dizer quem era o prefeito da época?

SP: Eu venho acompanhado os prefeitos desde 50, que eu me qualifiquei como eleitor na trigésima zona no final da década de 40, foi quando eu cheguei do exercito então, desde 50 que eu acompanho e voto nos prefeitos, pois me colocaram na politica em 55 e já fui para a Câmara para o poder legislativo, então, do meu conhecimento em 51 foi prefeito José Dias de França que tinha o apelido de Dr. Duquinha e era tio do pai de Sabino [ex-prefeito] em 55, foi Adauto Luís prefeito quando eu foi vereador, ele exigiu minha presença que eu fosse para Câmara e aconteceu isso, mesmo quando me

convocaram pra politica eu tentei explicar que não tinha vocação pra politica, não era de família de políticos,mas ele não aceitou meu argumento e exigiu fortemente que eu fosse candidato em 55 fui eleito o mais votado em 55, fui presidente os quatros anos, não tinha subsídios, não tinha salário vereador, presidente da Câmara sem ganhar nenhum centavo. Depois dos quatros anos eu disse que jamais participaria porque não ganhava nada, como eu ia sustentar minha família? Assim fui ser funcionário do Estado, fui para capital pediu uma audiência com o governador ele me atendeu nessa audiência que demorou quase uma hora, ele me nomeou agente fiscal

Em 60, vim pra Bonito ,melhor pra São José de Piranhas o secretário me colocou pra Bonito depois São José de Piranhas em 61 mudou de governo e por perseguição politica fui demitido, mas em 62 eu fui nomeado oficial de justiça até 68 ,que fui readmitido pra agente fiscal no governo de João Agripino, trabalhei em Sousa de 68 até 85 ,contei esse tempo 6 anos no exercito, 4 de vereador e dois de oficial de justiça ai deu 39 anos me aposentei pelo fisco mais eu já era vereador de novo.

Em 82 eu ainda no físico, Antonio Pedro médico veio pra Bonito em 76, quando foi em 82 ele foi candidato a prefeito, Wilson Braga candidato a governo do Estado, eles dois exigiram que eu fosse pra politica de novo eu disse que ajudava a eles mais não participava, eles queriam que eu fizesse campanha mais o secretario das finanças não concordou, agente fiscal não vai fazer campanha pra governador agora se ele que participar da campanha ele reduzia, pedia licença não perde nada e pode ser candidato.

Portanto,o secretário não concordava que um agente fiscal, cobrando impostos fosse participar de campanhas de quem quer que fosse,mas Wilson Braga e Antônio Pedro fez com eu fosse pedir a minha licença para ficar sem cobrar impostos, sem trabalhar na coletoria e fosse pra campanha, o secretário concordou e pude ser candidato e fui eleito novamente, o mais bem votado, com 22 anos que eu tinha deixado a politica em 59 desde que eu tinha entrado para o fisco em 61 fui demitido, em 62 fui pra justiça em 68, para o fisco de novo, em 82 atendi o pedido de Antonio Pedro, foi novamente o mais bem votado. É muita bondade do povo quando foi em 85 me aposentei na câmara fiquei só como vereador, em 88 Sabino candidato a prefeito queria que eu fosse candidato de novo, ai continuei fui eleito o segundo mais bem votado no outro mandato de 88 a 92, foi quando parei e foi a administrar a previdência de Bonito de Santa Fé, a convite do prefeito assumi em 93 até 2008 quando perdemos as eleições com Mazinho Rocha para Alderi que eu entreguei a previdência e ficou Elifas Palitot,não fui mais candidato a nada nem administrar nada público não tenho compromisso com politico e nem com função nenhuma.

**MC: O senhor era forte na política, ficou esses anos todos uma vocação e tanto...
Em 1970 quem era o prefeito?**

SP: José Amorim de 68 até 72, quando entrou Sabino de 73 a 76,ai foi Tiburtino de Almeida até 82, que foi Antonio Pedro de 83 até 88, vem Sabino de novo, de 88 a 92, quando terminou o mandato vem Antonio Pedro de novo, quando não era um era o

outro. Antônio Pedro tirou 2 mandato e Sabino 4, tirou o da mãe dele de 63 a 68, porque ela tava com a saúde abalada. Mazinho Rocha de 2004 a 2008 e hoje temos Alderi.

MC: O senhor poderia nos dizer como era feito o abastecimento da água de Bonito em 1970?

SP: Era normal pela Gagepa mesmo não era como hoje que tem água tratada com açudes bastante suficiente para o consumo público, era um abastecimento lá do açude de Zé Palitot, [proprietário do açude]. A Cagepa [Companhia de Água e Esgotos da Paraíba] de funcionava abastecendo Bonito com água do açude que tinha lá no pé serrote acima do açude do Bartolomeu era um açude pequeno, particular, de José Palitot e fizeram um acordo e a Cagepa abasteceu até 85, quando Wilson Braga construiu o Bartolomeu ai água foi suficiente um abastecimento mais correto.

MC: O convênio feito com a Cagepa oi no governo de José Amorim?

SP: Foi no governo de Zé Amorim, a Cagepa abastecia lá de Zé Palitot, mais as águas faltavam muito constantemente o açude era pequeno, não tinha condições de abastecer o dia todo, não tinha água de manhã até a noite. Era assim revezando era precário, quando uma rua tinha água à outra não tinha faltava água constantemente, já com a Cagepa agora depois do Bartolomeu teve abastecimento normal ai já foi no governo de Sabino e Antônio Pedro.

MC: Tinha energia elétrica?

SP: Aqui não tinha energia elétrica, até 70 funcionava precariamente, eu mesmo alcancei na década de 60 tinha um motor velho lá onde hoje é o prédio de Marcos Araruna [Rua Batista Leite] funcionava naquela rua, mas era escuro total, tinha luz uma semana duas semana e no resto do mês não tinha porque faltava óleo, o motor se quebrava quando eu comecei trabalhar no fisco aqui em Bonito na década de 60 então a energia de bonito era precária eu mesmo cobre impostos da coletoria a luz de candieiro pra segurar a lâmpada agente trabalhava de noite usava o querosene.

MC: Então a energia elétrica chegou depois de 70?

SP: Foi que a energia funcionou normalmente

MC: O senhor lembra quais foram as construções realizadas pela prefeitura em 1970?

SP: Não em 70 foram pequenos açudes.

MC: Tinha o mercado Municipal?

SP: Já o mercado era naquele ponto mesmo e o açougue funcionava onde hoje é a EMATER, a cadeia onde hoje é o Banco do Brasil.

MC: Tinha Banco do Brasil em 1970?

SP: Não tinha, chegou em 76 no governo de Tiburtino Almeida [ex-Prefeito]

MC: O senhor poderia fazer uma comparação da seca de 1970 com as últimas secas?

SP: Diferença é muito grande, os governos tem muita preocupação dá uma assistência que atente muito bem a população faminta porque um ano como esse perdeu a lavoura quase tudo, mas Bonito ainda teve um pequeno arranjo, mas teve alguns setores mesmo em Bonito que perderam tudo e tem Município como Conceição foi totalmente perdido, ai o sertão da Paraíba, sertão do Ceará e o sertão de Pernambuco foi uma calamidade. Fui a Recife de em pertencam de Juscelino, [o filho dele] é uma calamidade terrível perdeu lavoura, não tem pasto, não tem nada. O governo hoje faz estradas, açudes, dá apoio a todos os municípios, como por exemplo, a Prefeita [Alderi Caju, atual prefeita] fazendo o aterro sanitário, uma obra de um milhão e tanto que fica próximo a minha propriedade, então a seca hoje os menores não sofre nada, porque os poderes público tem maior cuidado, o povo hoje não quer trabalhar ,pois quem não tem salário, não tem emprego tem bolsa escola, os bancos é cheio de fila da pobreza pra receber dinheiro. Hoje não se encontra ninguém pra trabalhar até uma mulher pra trabalhar numa casa e nem encontra pra trabalhar em serviços mais grosseiros como em uma construção. Todo mundo acomodado e ninguém passa mais fome os comércios tem de tudo cereais, verduras, está uma maravilha porque o governo se preocupa e dá todo apoio antes era diferente, o governo demorava e quando dava um pequeno apoio era assim, decretava a emergência com o salário resumido que não dava pra sustentar a família, toda casa tem renda mesmo não sendo empregado tem bolsa dos filhos que estuda. Hoje ninguém sabe quem é o rico ou pobre todo mundo se veste bem.

MC: Esses trabalhos só vinham na época das secas?

SP: Só quando tinha seca o governo dava esse paliativo, [serviços emergenciais] mas na década de 70 e 80 pra cá os estados tem administrado derramando dinheiro vêm dinheiro para as prefeituras demais recebe três pagamentos.

MC: Para confirmar o senhor tem quantos anos mesmo?

SP: Fiz 90 anos em 11 de maio fizemos uma festa aqui foi filmada por seu Mario, a família poucos meses que se aproximavam,os filhos à família exigiu que eu fizesse uma festa, eu já conhecia seu Mário ele veio filmar quando foi inaugurar a pista dos aviões para receber meu neto Zé Pedro. A festa começou na Câmara as vésperas do dia 11, na sexta-feira fizeram uma sessão solene para homenagear a minha pessoa por ter sido presidente da câmara por três mandatos e vereador 14 anos, exigiu que eu fosse fardado que sou sargento do exercito e, sou acadêmico da Academia Data de Cedro e eu sou o guardião, quando tem entrega de títulos, e vão receber títulos de cidadania eu vou fardado, com a espada para homenagear aqueles que vão receber títulos então começou na sexta-feira e eu comemorei no sábado pra facilitar a vinda do povo que mora fora dia 12, mais o aniversário foi dia 11, então dia 11 fui para Câmara de manhã, a banda de musica tocou, eu sai 5 da manhã na frente da banda, 8 horas a missa de ação de graças,

4 horas no colégio estadual foi os comes e bebes, gastei muito, uns 14 mil mais valeu a pena e dia 12 no sábado teve seresta na Escola Municipal Aurea Dias,então aconteceu essa passagem com muita alegria vinheram minhas filhas de São Paulo.

MC: Uma graça muito grande o senhor é um guerreiro... Felicidade que não tem preço hoje em dia é muito difícil chegar a essa idade...

SP: Uma graça de Deus e poucas pessoas completam 90 anos como eu escrevendo, dirigindo ,andando normalmente sem ajuda de ninguém, eu nunca pensei de inteirar 80 anos fiz o aniversario de 90,agora to pedindo a Deus como pedi no meu discurso na Câmara, Áurea Dias e no Mom Senhor Moraes [Escola Estadual]toda a manifestação agradecei a Deus e toda população e desejo a você e a todos muitos anos e abençoe a todos pra tocar esse Brasil pra frente mesmo com os corruptos ,bandidos .sequestros é tanta coisa que ficamos triste .

7. Valdecir Tenório de Sousa (VT)

Entrevista realizada pela autora as 17h00min horas da tarde, na residência do depoente, em Bonito de Santa Fé, no dia 21 de junho de 2012.

M C: Qual é o seu nome?

Valdecir Tenório de Sousa

MC: Na década de 1970, o senhor morava na cidade de Bonito de Santa Fé?

VT: Rua Amorim Zinet

MC: Nessa década o senhor tem conhecimento se houve seca?

VT :A seca de 1970 não choveu de jeito nenhum, agora, depois de uns dois meses começou a chover **pouco**

MC: Nesse momento os agricultores conseguiram tirar legumes?

VT:Tinha deles que tirava, mas era poquinho um saco, dois sacos

MC: Qual a principal atividade econômica?

VT: Agricultura

MC: O senhor era agricultor?

VT: agricultor

MC: Onde trabalhava?

VT: No sítio Pereiros

MC: O senhor tem conhecimento, se alguma pessoa passou fome nessa seca de 1970?

VT: passou muita fome nicissidade mesmo de não ter o que comer **nada**

MC: O senhor chegou a passar fome?

VT: eu mesmo passei fome, nos só comia jabá com farinha

MC: E os animais?

VT:Os animais tinha vez que não trabalhava com fome e morriam até de sede

MC: O senhor já participou ou ouviu falar nos trabalhos emergências?

VT :Na Emergencia de 70 nos trabalhemo

MC : O senhor sabe quanto ganhava os trabalhadores da emergência?

VT: Ganhava pouco, não tinha contrato, assinava a folha, eu, por exemplo, tinha uma turma, queria registrar eu era o feitor que chamava antigamente, então, pegava dose homens e alistava e ficava responsável pelo serviço, ai tinha: feitor, fiscal, apontador que pegava o ponto das pessoas quando era no final do mês.

MC: Como era a jornada de trabalho? Era o dia inteiro?

VT:Trabalhava o dia todo fazia empelheita com o feitor

MC:Qual era a função do feitor ?

VT: Explicava como era fazer [como deveria ser feito o trabalho] assim a gente faziae quando o fiscal chegasse nos amostar

MC: O senhor trabalhou fazendo o que nessa emergência?

VT: cavando buraco, enterrando buraco e fazendo estrada

MC : Qual estrada ?

VT: essa ai dos Pereiros mesmo [Estrada que liga Bonito a Cajazeiras]

MC: A estrada que vai pra Cajazeiras?

VT: Essa mesmo!

MC: Vocês assinavam algum documento para começar a trabalhar?

VT: Não, dava o nome, eles chamavam e nos respondiam ,mas, a gente não assinava, mas quando era pra receber o dinheiro assinava ou butava o dedo.

MC: Vocês recebiam alimentos?

VT: Recebia massa, rapadura, dois quilos de jabá,dois quilos de farinha, eles pagavam e dava alimentação.

MC: Quem enviava os alimentos?

VT:Era o governo

MC: Na cidade de Bonito de Santa Fé em 70 tinha abastecimento de água?

VT:Tava cavando as valetas pra colocar os canos pra passar água

MC: O senhor chegou a trabalhar no encanação da água?

Sim, trabalhei

MC: O senhor lembra quanto ganhava?

VT :Não

MC: O senhor lembra quais as construções realizadas pelos serviços emergenciais?

VT:O trabalho foi mais nas estradas

MC:Além do senhor quem de seus familiares trabalhou na emergência?

VT: Meu pai só trabalhou quinze dias, ai foi na hora que cortaram, já tava perto de terminar o serviço.

MC:O pagamento era realizado no dia certo? E se ficasse doente?

Pagavam ,tinha que levar o atestado para o feitor.

MC: O senhor lembra se já tinha o mercado municipal?

VT: sim

MC:Os comércios foram saqueados?

VT: Era todo segunda,mas de oito em oito dia os cabas, quebravam com fome e levavam feijão,milho,farinha , saco de arroz.

MC:O senhor acha que a emergência ajudou as pessoas nessa situação difícil?

VT: Ajudou bastante pra os pobre.

MC: Nessa época as pessoas adoeciam muito?

VT : As enfermeiras vinham aplicar injeção [nos trabalhadores]de barraca em barraca João pessoa.

MC :Como eram essas barracas?

Era de lona ou de pau. Tinha o barraqueiro que dormia lá e nos ia pra casa

MC: O senhor chegou a conhecer pessoas que morreram de doenças ou fome trabalhando nas barracas?

VT: Na nossa barraca não

MC: O senhor me disse anteriormente que trabalhou na encanação, como era feito esse trabalho?

VT: antes vinha o carro pipa lá do açude do Zé Francisco pra cá [Bonito de Santa Fé] depois veio uma ordem pra nós cavar os alicerces pra butar os canos pra vim a água la do açude do Zé Francisco.

MC: O senhor lembra-se de quem era esse açude?

VT: Zé Palitot ,ele deu pra trazer água.

MC: Demorou muito tempo pra concluir?

VT:Dois anos, fazendo e remendando, a água era difícil pra trazer [Bonito de Santa Fé].

MC: Faça uma comparação das últimas secas com a de 1970?

VT: A seca de 70 foi pior, que morreu até bicho[animais] hoje a facilidade é maior

MC: O feitor ganhava quanto?

VT: Ganhava 50 cruzeiros, ele mandava e o vigia nos deixava os ferros tudo por conta dele se sumisse ele era o responsável.

MC: As mulheres trabalhavam?

VT:Tinha só uma barraqueira para cozinhar e tinha o lenheiro também.

MC:Quantos trabalhavam ?

VT:30 trabalhadores

MC: Como era a cidade de Bonito de Santa Fé em 70?

VT: Tinha mercado ,delegacia ,igreja e lavanderia.

